

SERIDOENSE

VIDA E OBRA DO
MULTIFACETÁRIO
JOSÉ GONÇALVES
DE MEDEIROS,
UMA DAS VÍTIMAS
DA TRAGÉDIA
COM O VOO EM
QUE MORREU O
GOVERNADOR
DIX-SEPT ROSADO

EXCLUSIVO

O PROFESSOR
EDUARDO NAVARRO
FALA SOBRE A
TRADUÇÃO DE CARTAS
EM TUPI ANTIGO E
FELIPE CAMARÃO

FOGUETES

A HISTÓRIA DA
BARREIRA DO INFERNO
E O MISTÉRIO DO NAVIO
SOVIÉTICO

MUSICALIDADE

O VOO DE CAROL PORTO

ENTÃO?

PRAÇA PEDRO
VELHO OU CÍVICA?

AVOANTE

SAIBA QUANTOS
ENCANTOS TEM A BAHIA
PARA O NAVEGANTE

SOBREVIVENTE

O ARQUITETO ESTEVÃO LÚCIO SOBREVIVEU AOS MAIS IMPLACÁVEIS EFEITOS DA COVID. MESMO EM RIGOROSO ISOLAMENTO, FOI INFECTADO. O TEMPO NO HOSPITAL NÃO EXISTE NA SUA MEMÓRIA. ELE CONTA SOBRE A TRAVESSIA PELO VALE DA MORTE E A VOLTA À VIDA



App do **Sicredi**

Muitas facilidades
na palma da mão



Disponível na

App Store



Disponível na

Google Play



Seja para você ou seja para sua empresa com o nosso aplicativo, você tem acesso ao **Sicredi** na palma da sua mão, 24 horas por dia, onde estiver.

São diversas funcionalidades



Saldo e Extrato



Investimentos



Crédito



Consultas e pagamentos de boletos



Conta-Corrente



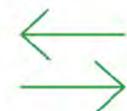
Fatura de cartão de crédito



Pix



Cartão Virtual



Transferências



Recarga de celular



E muito mais

Para utilizar nosso aplicativo, basta fazer o download no **Google Play** ou na **App Store**, realizar seu cadastro e pronto.

Siga-nos nas redes sociais e saiba mais.

  @sicrediriograndedonorte

sicredi.com.br/riograndedonorte



TÚNEL DO TEMPO E PROSPERIDADE

É tempo de Natal. Natalício. Júbilo. Tempo de celebrar. O nascimento. Sim, nascimento. Cada edição da Revista Bzzz é um novo nascimento, diante das tantas intempéries que enfrentamos para manter este importante veículo que afirmo, sem medo de errar, ser hoje a maior coleção de resgate da história do Rio Grande do Norte. E como não temos medo de ousar, viajamos também pelas memórias de cidades de vários estados brasileiros e de outros países, norte-americano e europeus.

Tudo começou de uma ideia que me acelerava os neurônios e combinou com o encontro de outro pensamento do saudoso querido jornalista Carlão de Souza. Certo dia ele me falou da proposta de lançarmos um livro sobre a sociedade natalense. Eu contei sobre minha vontade de produzir uma revista de conteúdo plural, com foco em contar histórias [memórias], de periodicidade mensal, e um portal para seguir a linha da modernidade que entrou de porta adentro sem pestanejar: a notícia em tempo real. Os olhos dele brilharam, os meus idem. Avante, surgiu o projeto Bzzz.

ao mundo jurídico. E mais.

E no dia 8 de julho do mesmo ano chegamos a Mossoró. Bela festa de lançamento no Salão Cristal do Garbos Recepções & Eventos, recebidos pela gentileza do casal Beth e José Carlos Rego, e àquela força amiga de Nelly Carlos Maia. Nilton Jr. deixou tudo lindo e saboroso. Reencontro com o casal muito querido Sandra e Laíre Rosado. Noite cheia de gente querida e bacana. E o agradecimento especial a Bruno Giovanni, que de convidado não demorou para fazer valer a amizade, providenciou de última hora o som e fez a vez de DJ, diante da falta do profissional que estava comprometido com a ocasião.

E como essa abelhinha é exibida quesó, lançou a Bzzz também em nada menos que solo lisboeta, com uma bela festa no lounge do badaladíssimo restaurante Seen, no alto do Hotel Tivoli, na Av. da Liberdade. Foi no dia 4 de setembro de 2019, numa ocasião que reuniu chiques e famosos portugueses e brasileiros, entre empresários e artistas, anfitriões por dois entrevistados de capa em edições distintas produzidas em Lisboa: a natalense Juliana Flor e o empresário espanhol Luíz Henrique Perez, um apaixonado por Portugal.

Pois bem

Voltando ao desenrolar da Bzzz, os anos foram passando, o trabalho aumentando, a responsabilidade idem, o sucesso subindo em efeito acelerado. Só agradecimentos. Carlão, contumaz devorador de livros, dos grandes intelectuais destas terras potigüares, sentiu falta de tempo para seu deleite de leitura. Desistiu do projeto e passou a escrever a coluna de cultura. Mas o compromisso com o tempo e a hora ainda incomodavam sua alegria maior, que era ler sem intromissão. Apaixonado pelas letras em harmonia, sua maior alegria era ler livros, muitos e bons livros. E a eles voltou a dedicar-se. Até que veio a doença implacável que o levou para ler lá de cima, na dimensão iluminada, num lugar muito singular assim como era Carlão. E aqui deixou saudades. Muitas.

Então. Desde a desistência de Carlão para se dedicar ao seu prazer maior, fui remando esse barco sozinha. Ora sozinha. Sozinha breu. Pois bem aventurado àquele que ousa para remeter o bem. Seja ele para contar histórias e não deixar as boas memórias no poço do esquecimento. E assim foram aparecendo pessoas de inestimáveis sapiência e dom da contribuição. Talentosa jornalista da nova geração, Alice Lima foi a base fortificada para a resistência desse projeto. Ficamos amigas. Para mim, como

Camille Soares



Eliana Lima e Carlão de Souza no lançamento da Bzzz, em 2013

Avante, foi sucesso somado. Contamos com a colaboração de tanta gente legal. Fomos escola para muitos jornalistas iniciantes. Para o lançamento, no Solar Bela Vista, tivemos a sorte da parceria maravilhosa da saudosa Dodora Guedes. Foi um estrondo de sucesso, no dia 4 de julho de 2013, ao som do jazz de Anderson Pessoa e o quarteto instrumental Tem um Candango lá em Casa. A também saudosa Rogéria deu um verdadeiro show de organização e delícias, combinado com os sabores ímpares da dupla maravilhosa Verônica e Renata Motta, estimadíssimas parceiras de sempre. Uma noite para jamais esquecer. Prestigiada de prefeito a parlamentares, de ministros a amigos, de jornalistas a artistas, de empresários

uma filha. Orgulho danado dela. E quão agradeço a essa doce dupla que faz da Terceirize a melhor editora de Natal: Marcelo Antunes, seu proprietário, e Jaedson Nascimento, gigante diagramador com quem vivo entre tapas e beijos (rsrsrs). E Octávio Santiago, que relutava, mas não resistia aos meus encantos de quebrar tanto galho de edição em edição (hahaha). E tantos e bons repórteres guardo em boas memórias.

E para a manutenção deste importantíssimo projeto de restage histórico, que é um produto caro, que se matém de imprescindíveis apoios, aqui agradeço e parabeno pela presteza em realizar tão significativa contribuição para que o hoje e o futuro tenham este notável instrumento de pesquisa, nossos anunciantes desde o primeiro momento: Sicredi, Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, Seturn/NatalCard. E também contamos com os, digamos assim, padrinhos na pessoa física, Robson Maia Lins e Érick Pereira, dois brilhantes advogados que prezam pelas letras e pela história. Principalmente destas terras do grande guerreiro Felipe Camarão.

Apesar das parcerias, a crise da pandemia de covid-19 impossibilita manter a versão impressa e, infelizmente, não ficou mais possível o papel que tantos gostam. Impressionante como ainda prezam a revista em papel. Muitos sentem falta, principalmente os que colecionavam todos os números. Idem a biblioteca do Instituto Ricardo Brennand, no Recife, um dos mais respeitadas museus do mundo. Sim, a Bzzz faz parte do seu acervo. Imagine sua impotência que muito nos lisonjeia.

Olhem que maravilha!

E por falar em Felipe Camarão, a partir desta edição passamos a contar com mais um colaborador: o gigante jornalista Maurício Pandolphi. Em belíssima matéria ele conta sobre esse bravo guerreiro e traz entrevista exclusiva com ninguém menos que o professor Eduardo Navarro (USP), um dos raros especialistas em tupi antigo e literatura do Brasil colonial, que traduziu recentemente seis cartas trocadas entre indígenas da etnia potiguara em 1645, e que são os únicos textos conhecidos em que os próprios indígenas escreveram em sua língua nativa. Deleitem-se.

Aura Mazda entrevistou o arquiteto Estevão Lúcio, que sobreviveu aos mais implacáveis efeitos da covid-19. Confira detalhes dessa incrível história de vida. O historiador Ivan Lira traz mais uma história fantástica. Do seridoense José Gonçalves de Medeiros, multifacetário da oratória à poesia, do movimento estudantil a destaque na política. Intolerante com a injustiça, revoltou-se com tragédias provocadas por tais iniquidades. Foi uma das vítimas da tragédia com o voo em que morreu o governador Dix-Sept Rosado.

Minervino Wanderley conta a história da construção da Barreira do Inferno de Natal, suas curiosidades e o mistério de um grande navio soviético que foi flagrado bisbilhotando em águas territoriais brasileiras. Anderson Tavares de Lyra discorre sobre a Praça Pedro Velho, sua história e as investidas para vingar o nome de Praça Cívica. E com muita emoção contamos sobre a decolagem da cantora natalense Carol Porto em VOOS, título do seu primeiro EP. Nelson Mattos conta com quantos encantos tem a Bahia para o navegante. Muito bom o artigo do maranhense Luiz Thadeu, o sul-americano mais viajado do mundo com mobilidade reduzida, sobre o desenredo consumismo. De Brasília, o fotógrafo Paulo Lima traz a bela festa da procuradora Lira Maria Lopes. Na minha coluna, coisas boas das terras lusitanas.

E 2021 termina com mais um ano de conquistas. E que venha 2022 repleto de prosperidade!

Eliana Lima - Editora

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.bznnoticias.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

COLABORADORES

AURA MAZDA,

ANDERSON TAVARES DE LYRA,

IVAN LIRA DE CARVALHO,

MAURÍCIO PANDOLPHI,

MINERVINO WANDERLEY,

NELSON MATTOS FILHO

CAPA

CÍCERO OLIVEIRA

É PRÁTICO E SEGURO PARA A SUA EMPRESA!

GESTOR, CONHEÇA AS VANTAGENS DE UTILIZAR O VTE NATALCARD



VALE-TRANSPORTE

Esteja de acordo com a **lei 7.418/1985**, que garante ao trabalhador o vale-transporte de uso exclusivo no trajeto casa-trabalho-casa.



MAIOR CONTROLE

Administre as compras de créditos de passagens dos seus funcionários: solicite cartões de 1ª e 2ª via; realize bloqueios de cartões de forma on-line e sem sair da sua empresa.



PRATICIDADE E SEGURANÇA

Recarregue os cartões dos seus colaboradores via internet. Em caso de perda ou roubo, os créditos podem ser recuperados.



BENEFÍCIOS PARA O COLABORADOR

Através da integração em diversos pontos da cidade, pode-se utilizar as 4 passagens diárias, fazendo até 4 integrações por dia.

***Considerando o sistema de integração eletrônico da cidade do Natal.**

ENTRE EM CONTATO COM NOSSOS CONSULTORES DE VENDAS, SOLICITE O CARTÃO VALE-TRANSPORTE NATALCARD E RECEBA NA SUA EMPRESA!

CENTRAL DE RELACIONAMENTO:



(84) 9106-0986

atendimento@natalcard.com.br



Acesse o QR Code e veja informações sobre o Cartão Vale-Transporte



natalcard.com.br



natalcad

NatalCard
Tecnologia em nosso caminho



ELIANA LIMA

elianalima@portaldabelhinha.com.br

D'ALÉM

Mesmo do lado de cá, estou sempre ligada com o que acontece do outro lado do Atlântico. Exatamente na terra de grande amor: Portugal. E da capital lisboeta faço duas boas anotações.

UMA

O brasileiro Rafael Nacif, mineiro de BH, está morando nas terras de Camões, escolhida depois de viver experiências no Havaí, Canadá e Suíça. Todo ativista de causas sociais e humanitárias, ele está focado na motivação das pessoas através da partilha das suas vivências. Sempre acompanhado pelo seu cão Chico, aposta em abordagens diferentes para os que procuram realização pessoal e profissional. Que buscam a concretização dos seus sonhos.

Pois bem! Tem participação em mais de 30 empresas em Portugal e no estrangeiro, com atuação em vários setores da economia, desde a hotelaria ao imobiliário, da tecnologia à energia, da produção audiovisual à agricultura. Com um extenso currículo para formação em coaching, por diversos países, partilha as suas experiências de vida e empreendedorismo.

E quando janeiro de 2022 chegar, realizará o curso de imersão Plano de Liberdade Financeira, exatamente no dia 15, com foco em ter “uma vida Financeira acima da média com segurança e Liberdade para construir verdadeiras fortunas e prosperidade em diversas áreas da sua vida”.

E passo a dica para fazer inscrição: instituto-vp.pt/mindsetmilionario.



OUTRA

O que também muito me chama a atenção em terras portuguesas é a plataforma de descoberta sheerME, idealizada por Miguel Alves Ribeiro com a missão de, segundo ele, “facilitar a marcação a quem procura cuidar de si, desta forma levando mais clientes aos nossos parceiros. Botões de marcação directa no Google, Instagram e Facebook são algumas destas parcerias, entre muitas outras, que nos estamos a especializar em trazer à nossa comunidade. Ganhando sempre *cashback* em *Wallet* a cada marcação”.

Ou seja, por meio da plataforma é possível encontrar espaços ou profissionais que providenciem serviço ou tratamento que mais se adequem às necessidades de cada cliente. Após encontrar o serviço é possível fazer marcação online, a qualquer hora do dia, e ainda o pagamento, sem sair do universo sheerME.



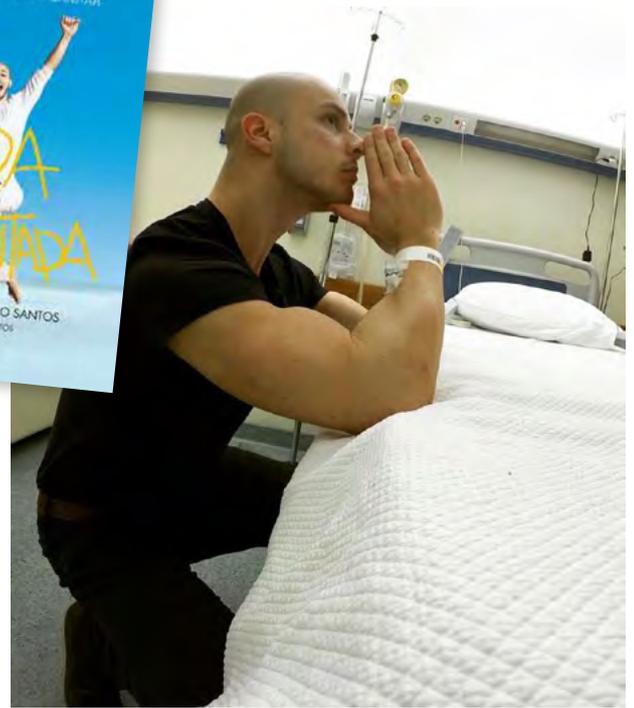
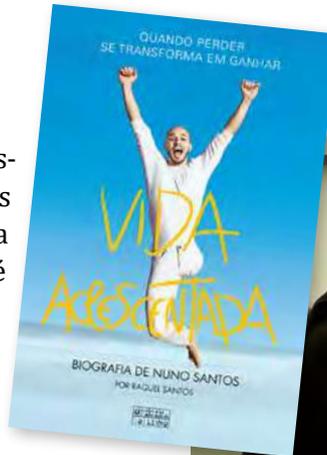
SOU FÃ

Em Portugal tenho um querido amigo, mesmo que nosso contato ainda seja virtual, mas parece que nos conhecemos há anos. Minha admiração por ele só cresce. O nome dele é Nuno Santos, um lindo jovem que luta como um experiente guerreiro da superação. A sua vontade de viver, fazer e acontecer são itens dos muitos no combate a uma cruel doença, que não lhe diminuiu a esperança de viver e ser feliz, mesmo com a mutilação do seu corpo escultural.

Sua fortaleza faz do limão uma saborosa limonada para brindar as conquistas da vida. Sua história está contada no livro que a irmã Raquel escreveu, Vida Acrescentada. Em 2008, aos 16 anos de idade, após boas ondas numa tarde de surfe, ele caiu e sentiu forte dor no quadril. E veio a notícia do terrível diagnóstico: um câncer ósseo com 3% a 5% de possibilidade de sobrevivência.

A partir daí foram vários processos de exames, cirurgias, tratamentos. Não esmoreceu. Além da fé, encontrou força na mãe e na irmã.

E hoje ele é exemplo que dá gosto de ver. E aplaudir. Sem falar na pessoa doce e de bom humor que é. Adoro. Sou fã! Parabéns, Nuno, e obrigada por nos dar essa grande lição de vida e perseverança.



JÁ CONHECE?

Caso não, agende na sua próxima viagem a Portugal. Ou quem por lá já esta. Em pleno Rio Tejo fica o imponente Castelo de Almourol, de onde se chega de barco. A data da sua construção é desconhecida, mas acredita-se que a pequena ilha onde foi erguido remonta ao século I Antes de Cristo, tempo em que, provavelmente, os romanos conquistaram o lugar. A partir do século VIII a ilha foi ocupada pelos

muçulmanos. Depois, tomada por D. Afonso Henriques, foi entregue aos Cavaleiros Templários, que ficaram responsáveis pela reconstrução, cravando características de fortificações templárias. O terremoto de 1755 provocou diversos estragos na sua estrutura. Após, sofreu alterações na arquitetura inicial. No Estado Novo foi residência oficial da República Portuguesa. Hoje é Monumento Nacional.





Ivan Lira de Carvalho

Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, do Conselho Estadual de Cultura e da Academia de Letras Jurídicas do RN. Professor da UFRN, Juiz Federal



Hilda e José Gonçalves

JOSÉ GONÇALVES DE MEDEIROS

Oratória e poesia em voos largos

Em uma Acari ainda arcaica e orgulhosa por ser forte pilastra da civilização primária e rurícola do Seridó, nasceu, a 18 de dezembro de 1919, José Gonçalves Pires de Medeiros, filho do casal Eusébia e Mário Gonçalves Pires de Medeiros, ela do lar e ele telegrafista, o primeiro de uma série de doze, pois foi sequenciado por Paulo, Pedro, Amélia, Genival, Humberto, Nair, Odete, Amaury, Antônio, Zélia e Cecília¹.

Garoto esperto, na terra de nascença teve aulas no Grupo Escolar Thomaz de Araújo. Mas o contato com o saber não ficava por aí. Em casa, no contraturno, ele e os irmãos eram submetidos a uma sabatina pelo genitor, que se fixava principalmente em Geografia e História, “recompensando” as respostas equivocadas com solenes palmadas, desferidas com um instrumento adrede preparado para essa pedagogia. Concluído o que se chamava curso primário, José foi mandado para estudar em Natal, juntamente com parte dos irmãos. O desaguadouro natural de quem queria aprender na capital era o Atheneu Norte Rio-



Grupo Escolar Thomaz de Araújo, Acari, onde José Gonçalves começou a estudar

grandense, uma Ágora que fazia as vezes de universidade, mercê da qualidade dos professores e do clima intelectual que ali reinava, diante da junção de estudantes talentosos como Homero Homem, Veríssimo de Melo, Ubirajara de Macedo, Newton Navarro, José Hermógenes, João Wilson Mendes Melo e outros desse tope. O corpo docente reunia o Padre Monte, Câmara Cascudo, Antônio Fagundes, Celestino Pimentel, Floriano Cavalcanti e outros bambas. Demonstrador do nível de excelência desse estabelecimento era ter a

sua própria Academia de Letras, onde os discentes publicavam prosa e poesia do melhor quilate. No tradicional estabelecimento a rebeldia de José Gonçalves ganhou eco quando ele soube que os rigores disciplinares do Professor Celestino, então diretor, haviam se abatido de forma tão intensa sobre um aluno que este cometeu suicídio. Diz Jurandyr Navarro (“Rio Grande do Norte – Oradores – 1889-2000”, Departamento Estadual de Imprensa, Natal, 2001, p. 321) que o aluno, pobre, foi repreendido porque usava uma

¹ Várias informações sobre o perfil pessoal e familiar de José Gonçalves, bem como diversas fotografias usadas nesta matéria, foram gentilmente fornecidas por Alexandre Medeiros e por Antônio Carlos Fernandes de Medeiros, respectivamente filho e sobrinho de Gonçalves.



Filhos de Eusébia e Mário Medeiros: Paulo, José, Pedro, Amélia, Genival, Humberto, Nair, Odete, Amauri, Antonio, Zélia e Cecília



Ágaba Medeiros, tia de José Gonçalves - O suicídio em nome do amor juvenil por Sady Castor

meia rasgada e ao receber a ameaça de suspensão preferiu se matar do que dizer ao pai o que acontecera. Gonçalves responsabilizou publicamente o gestor pela tragédia, advindo, como sanção, a sua transferência compulsória para um colégio congênere, o não menos respeitável Lyceu Paraibano, sediado em João Pessoa, onde residia a sua família paterna. É o que relatam José Wilson Pereira de Azevedo e Derivaldo dos Santos, no ensaio “Perfil na penumbra: a imagem de José Gonçalves de Medeiros através das suas cartas”, publicado em “Imburana”, revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses, vol. 4, n. 8, 2013.

Aliás, a intolerância de Gonçalves para com o lamentável episódio do Atheneu pode ter vinculação atávica com fato trágico que em 1923 envolveu Ágaba Medeiros, uma tia dele, irmã do seu pai, na capital paraibana. Era ela estudante da Escola Normal, só para moças. No mesmo *square* funcionava o Lyceu, reservado a rapazes. Entre flertes e abordagens românticas, estabeleceu-se um namoro entre Ágaba e o jovem Sady Castor. Mas o Padre João Milanez, dirigente da escola feminina, não queria esse tipo de coisa, por entender ser atentatória à moral e aos bons costumes, proibindo a aproximação de gênero a partir de uma linha delimitatória

das fronteiras do amor. Algo como “cada qual no seu quadrado”. Até convocou a força pública para fazer cumprir a ordem. Sady, inflamado de paixão, ousou adentrar à zona conflagrada e foi recebido a bala por um guarda civil, morrendo na hora. A cidade incendiou-se de revolta durante o velório e o sepultamento do rapaz, advindo a demissão do clérigo. Mas em Ágaba a dor foi mais forte: dirigiu uma rebuscada carta à mãe do pretendente e pôs fim à própria vida, levando o encontro de desgraças ao registro histórico e literário da terra tabajara, pintada com tintas de similitude ao drama de Romeu e Julieta (guardadas as devidas peculiaridades).

Após o período paraibano, José Gonçalves decidiu concluir no Colégio Carneiro Leão, Recife, os preparatórios para o vestibular da Faculdade de Direito, com sucesso, mas com o bacharelado operado no dobro do tempo do razoável, findando em 1949. Motivo: o José era multifacetário, indo de leis e jurisprudências até à produção da poesia mais fina, tudo entremeado pelo jornalismo e pela produção literária e epistolar, sem descurar das agitações políticas que aprimoravam a sua oratória arrebatadora. Além de ter colaborado com o Diário de Pernambuco, foi também trabalhador fichado no Jornal do Commercio. No paralelo, com os colegas Gláucio Veiga e Antônio de Brito Alves, colocou nas ruas o panfletário “O Cupim”, com a proposta subversiva de corroer os sustentáculos do Estado Novo. A sua palavra de fogo, por voz ou tinta, não dava paz ao regime que governava o país. Tanto que na tarde de 3 de março de 1945 ele integrava a massa que partiu do átrio de Faculdade de Direito para a Praça da Independência, onde a culminância seria um discurso do sociólogo Gilberto Freyre, pregando o fim da ditadura e enaltecendo a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República. Os oradores escalados ocuparam a sacada do prédio centenário do Diário de Pernambuco, ali estando, além de Freyre, líderes do movimento como Demócrito de Sousa Filho,



José Gonçalves em prosa com amigos, no Recife



Maria Amélia e Alexandre, filhos de José Gonçalves. Ela com 21 e ele com 17 anos

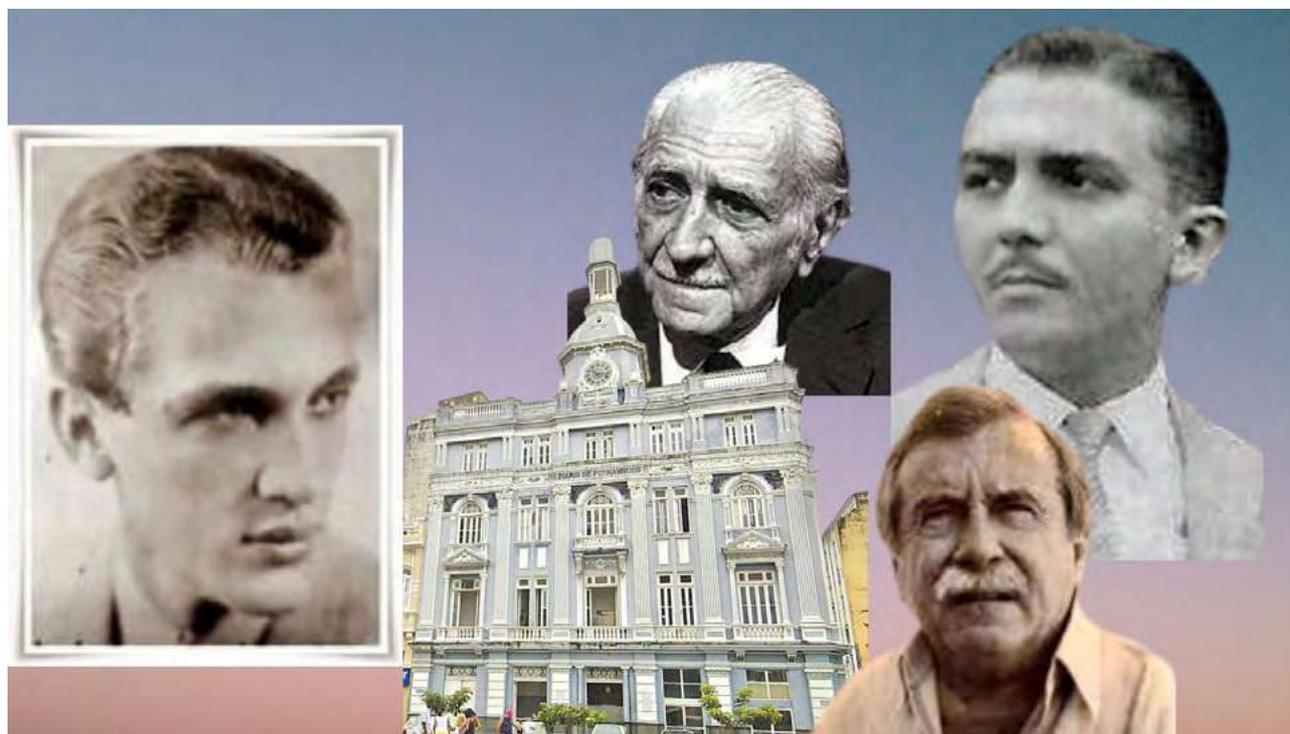
Odilon Ribeiro Coutinho e José Gonçalves. No chão, a polícia política se preparava para debelar o evento, a qualquer preço. Em dado momento, Demócrito espichou o corpo sobre o parapeito, à guisa de conferir a extensão da multidão apinhada, instante em que um dos tiros disparados pelos policiais para acabar o comício varou-lhe a testa, advindo a morte poucas horas depois. Recife banhou-se de indignação. O velório de Demócrito catalisou vozes de oposição ao regime forte e gestos de inequívoco simbolismo foram registrados, como o comparecimento da Congregação da Faculdade de Direito trajando becas escuras e solenes, acompanhando o cortejo fúnebre até o Cemitério de Santo Amaro, onde coube a José Gon-

çalves pronunciar o mais célebre dos discursos, sinetado em oratória candente ainda hoje repetida, mas nunca igualada.

A agitada vida privada e pública de Gonçalves tinha prosseguimento. Filiado à União Democrática Nacional, foi por essa legenda eleito Deputado à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, com poderes constituintes, em 1947. Fez um mandato adequado às suas propostas de esquerda democrática, se distanciando do perfil da legenda, a quem passou a acusar de conservadora, importando na sua migração para o Partido Republicano, que nas eleições de 1950 levou ao governo do RN o industrial Dix-Sept Rosado, sob uma flâmula desenvolvimentista que seduziu Gonçalves a aceitar a pasta de

Secretário de Imprensa. Nesse status viajou ao Recife em março de 1951, na companhia de outros colegas de secretariado, quando o veículo que os conduzia capotou nas proximidades de Tacima-PB, morrendo Mário Negócio e Omar Medeiros. Mais adiante, 12 de julho do mesmo ano, seguiu Gonçalves em missão com o Governador Dix-Sept e outras pessoas do *staff* governamental para o Rio de Janeiro, ocasião em que o avião caiu nas proximidades de Aracaju, matando, entre tantos passageiros, Rosado e os secretários Felipe Pegado Cortez, José Borges de Oliveira e José Gonçalves. Estava assim encerrada a vida terrena do inolvidável tribuno.

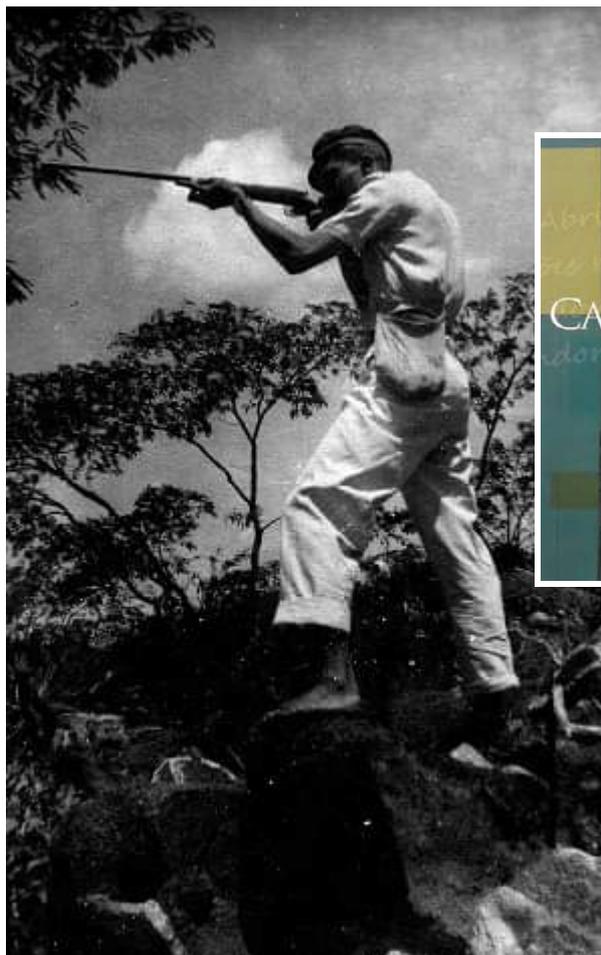
Se na vida estudantil e na política José Gonçalves adquiriu projeção pelo arrojo das suas atitudes,



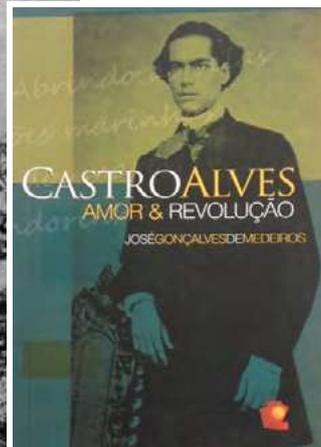
Sangue pela democracia, 1945. Sentido horário: Demócrito de Souza, Diário de Pernambuco, Gilberto Freyre, José Gonçalves e Odilon Ribeiro Coutinho



Sangue pela democracia, 1945. Sentido horário: Demócrito de Souza, Diário de Pernambuco, Gilberto Freyre, José Gonçalves e Odilon Ribeiro Coutinho



Gonçalves caçando em Acari



“Castro Alves – Amor e Revolução” – Livro de José Gonçalves, de 1945, reeditado por Abimael Silva, da Sebo Vermelho, em 2015

perenizando-se notadamente pelas peças oratórias, diferente não foi na seara intelectual. Importante lembrar que desde os tempos do Atheneu, sendo membro da Academia de Letras daquele colégio, já divulgava os seus sonetos e os seus textos lavrados em perfeição. O jornal “O Estudante”, arte de Veríssimo de Melo e Luis Maranhão Filho e outro de título óbvio, “O Atheneu”, veicularam vários desses escritos. Como crítico literário, os jornais pernambucanos sentiram a sua independência e autenticidade, merecendo elogios dos parceiros de letras, jornalismo e boemia, a exemplo de Mauro Mota e Carlos Pena Filho.

Dos escritos mais formais de Gonçalves, está o livro “Castro Alves – Amor e Revolução”, datado de 1950², onde o autor, entre modesto e irreverente, explica à abertura do volume: “Dou a este livro o valor de um improviso. Escrevi-o sob o título de ‘Notas a lápis sobre Castro Alves’ e concorri ao concurso com que a Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura de Recife comemorou o centenário do poeta. (...) Posso dizer que o preparei em pouco mais de trinta dias, em homenagem a Seixas e Bruno que ganharam o prêmio comigo. Como improviso, deve estar perdoado do que nele se encontrar de opinião muito pessoal ou muito avançada a respeito da vida e da poesia de Castro Alves. (...) Sendo um livro feito apenas para “pessoas particulares” fica

2 Nova edição, fac-similar, pela Sebo Vermelho Edições, Natal-RN, 2015.

dedicado a Hilda Gonçalves, Doris Marinho Rego, Carmita Jungman, Tomaz Seixas, Mauro Mota e Maurílio Bruno, minhas colegas e meus companheiros de Recife”.

Hilda, a quem Gonçalves faz menção na apresentação do livro, mulher ativa e professora de educação física, era a sua prima e o indubitável grande amor da sua vida, com quem casou e teve dois filhos: Maria Amélia, Beinha, formada em belas artes e detentora de prêmios nacionais de pintura ingênua (20.06.1947-15.12.1994) e Alexandre (nascido a 18.07.1951, físico, professor universitário, PhD em Science Education pela University of Leeds, Inglaterra).

Morto José Gonçalves, diversos ensaios e outros escritos sobre a sua obra foram publicados, no meio acadêmico, assim como no campo jornalístico e editorial. Dentre tantos, “A coleção José Gonçalves”, organizada e apresentada por Lenine Pinto, a cargo da Sebo Vermelho Edições, Natal, 2002. Mas, sem dúvida, Gonçalves é um personagem à espera de uma biografia de fôlego e de um apurado estudo literário, mercê da sua multifacetária produção, a ser selecionada nas coleções de jornais, nos anais da Assembleia Legislativa do RN e, principalmente, no acervo guardado com carinho pelos seus familiares mais próximos.

Por enquanto, vale a recordação de um dos seus mais belos poemas, com carga premonitória, “A despedida do pássaro morto”, escrito em 1945 e confiado por Gonçalves ao amigo Arnaldo Le-



Os avós de Gonçalves - José Peregrino e Amélia Medeiros (paternos)
- Antonio e Natália Pires Galvão (maternos)

mos, ao modo de testamento: “O voo também é sensualidade/Estremeço e vibração de pássaro/que possui e penetra o espaço/e era como se possuísse e penetrasse a alma do tempo.//Se eu morrer como pássaro/deixo aos que me amaram, aos que me quiseram e me gostaram /como eu era, o meu sempre e displicente adeus./ Estou compreendendo que se morrer num voo antes de tocar a terra/do mundo, serei como a pena do pássaro ferido de morte./ Serei um pássaro de fogo, que vem do céu/ para repousar no seu ninho de areia. // Chorem, bebam, dancem, riam, passeiem, / pela alma do amigo que não foi pássaro, / mas morreu como ele”.



Alexandre Medeiros, PhD em Física, autor citado na prova do ENEM de 2021

ORAÇÃO A UM JOVEM MORTO

Discurso do então acadêmico de Direito José Gonçalves de Medeiros, no enterro de Demócrito de Souza Filho, a 04 de março de 1945

Assassinaram-te meu velho camarada!

Os que morrem pela liberdade dos homens ressuscitam um dia com ela na história.

A opressão, o arbítrio, a violência, tudo isso contra que tua mocidade foi sempre um constante protesto, já não têm poder sobre os teus despojos.

Os que marchavam ao teu lado encontram no teu sacrifício um motivo maior ainda para não desertarem da luta nesta hora nona de sangue.

Em homenagem à tua memória e somente em homenagem a ela, não trazemos para o teu túmulo nem uma palavra de ódio. Agora, porém, que estás à mão direita da suprema verdade, hás de ver que se multiplica em cada um de nós a revolta contra os responsáveis por teu assassinato. Hás de ver com que decisão combateremos, em qualquer circunstância, aqueles que entronizados no poder absoluto demonstram tão desprezível desrespeito pela vida humana.

A tua e a nossa arma maior foi sempre a palavra. Palavra de amor à liberdade, de combate à tirania; palavra de crença ao clamor dos oprimidos.

Porque então metralharam-nas: a tua vida e nossa palavra?

Talvez eles não creiam que o grito dos injustiçados repercute no coração de Deus, no mais íntimo de seu grande e onisciente coração.

Foi inútil te protestarem. A tua sombra magna estará sempre de pé à nossa frente, com os cabelos revoltos, com o espírito embriagado de mocidade, reclamando para o povo a propriedade da Praça.

Acusaremos, como acusaste sempre, os inimigos da Democracia. Acusaremos os verdugos da nossa geração e não aceitaremos os postulados mentirosos de suas falsas liberdades.

Se não há quem nos assegure os direitos com-

patíveis com a nossa dignidade, se não há uma ordem constituída que esteja à altura de garantir estes direitos, procuraremos em nós mesmos essa ordem e essa energia.

E a força da mocidade ninguém vence.

Podem chacinar, podem metralhar e encarcerar. Nenhum artifício humano, porém, afoga e domina a revolta de uma geração ofendida.

Senhores: Aqui está esta Faculdade de Direito do Recife, não para sepultar um seu aluno assassinado num comício de praça pública quando reclamava Liberdade e Democracia. Aqui está esta Faculdade para plantar, na terra fecunda de Pernambuco, o acadêmico Demócrito de Souza Filho. Homens como ele não são sepultados para apodrecer. Homens como ele, plantam-se como as sementes e esta semente humana vingará no chão generoso e sai da terra, e dá frutos que envenenam e desorganizam o mecanismo monstruoso dos que o mataram.

Neste Campo Santo estão plantados, entre tantos outros, Nabuco e José Mariano.

Eles foram, como Demócrito e nós outros, alunos de uma mesma Escola e soldados de uma causa idêntica. A escravidão negra não resistiu à veemência de seus ataques e argumentos, e desmoronou, tão de lama moral era o seu alicerce.

Já sentimos também, meus senhores, que a morte de nosso companheiro precipita os acontecimentos, precipita enormes sacrifícios, mas nos assegura inapelavelmente a vitória.

Adeus Leão! Era assim que gostavas que te chamássemos. Adeus, querido camarada. Nenhuma contribuição será maior do que a tua vida, cheia de esperanças, para esta causa universal e particularmente brasileira da Democracia. Fica neste lugar onde te plantamos que daí verás a nossa luta pelo caminho que continua”.



Minervino Wanderley

fokehistoria.com.br



Preparação de um foguete para disparo na Barreira do Inferno na década de 1970. Fonte: Biblioteca Nacional

BARREIRA DO INFERNO

QUANDO NATAL ERA A CAPITAL ESPACIAL DO BRASIL

Efetivamente a ideia galgar o espaço exterior se inicia com o desenvolvimento dos processos tecnológicos de lançamento de foguetes pelos países vencedores da Segunda Guerra Mundial. Com a ideia de não perder o “bonde da história” e diante das perspectivas altamente estratégicas que a conquista do espaço criava para uma nação com dimensões continentais como o Brasil, apontou para a necessidade do desenvolvimento de um projeto de programa espacial nacional. Logo a criação de instituições como o

Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), em 1950, e o surgimento do Centro Técnico de Aeronáutica, hoje Centro Técnico Aeroespacial (CTA), como órgão científico e técnico do Ministério da Aeronáutica, apontaram os caminhos a serem seguidos.

Nesse desejo da nação brasileira de alçar o espaço sideral ficou evidente que um dos caminhos a serem seguidos era a criação da primeira base de lançamento de foguetes no país. E foi no Rio Grande do Norte que o Governo Brasileiro decidiu desenvolver esse local.

E PORQUE RAZÃO FOMOS ESCOLHIDOS?

Primeiramente o fator posição geográfica foi decisivo para que a terra potiguar participasse desse projeto de alto interesse para a nação. Natal está distante apenas 5 graus da linha do Equador e essa proximidade muito facilita o lançamento de foguetes ao espaço, pois quanto mais próximo desse marco geográfico, utiliza-se uma menor quantidade de combustível para a ascensão desses equipamentos. De certa forma repetiu-se o mesmo que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, quando militares norte-americanos construíram a base aérea que eles denominaram de Parnamirim Field, pela excepcional posição estratégica de Natal para o desenvolvimento do transporte aéreo militar dos Aliados durante o conflito.

Outro fator estava na existência de um tipo de “anomalia magnética” sobre o Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos. Ocorre que nessa região as linhas do campo magnético da Terra formam uma espécie de “funil” e essa situação facilita as medições espaciais com foguetes, que não necessitam se elevar a grandes altitudes para cumprir suas missões, diminuindo o custo dos lançamentos.



Desenvolvimento de foguetes nos Estados Unidos. Fonte: NASA

Outros fatores que pesaram favoravelmente na decisão de construção dessa base de lançamento de foguetes na área metropolitana de Natal foram o clima estável

da nossa região, a proximidade com a capital potiguar, proximidade do porto no Rio Potengi e a pouca distância da Base Aérea de Parnamirim.

A DOAÇÃO DO TERRENO DE FERNANDO PEDROZA

Ficou decidido que o local para implantação da base ocorreria em um terreno de quase 2.000 hectares, localizado às margens do Oceano Atlântico, próximo à Praia de Ponta Negra. Era um lugar abandonado, cercado de altas dunas de areia, a quinze quilômetros do centro de Natal, no caminho para a região das praias do litoral sul e conhecida como Barreira do Inferno.

Para alguns a denominação nativa evocava a coloração avermelhada das altas falésias de arenito ali existentes. Para outros o nome era uma lembrança das trágicas mortes de jangadeiros nas águas turbulentas daquela região, provocadas pelas fortes correntezas marinhas e rochas que dificultavam a navegação. O certo é que essas condições sempre limitaram a ocupação da área por populações de pescadores.

O terreno pertencia a Fernando Gomes Pedroza, que morava no



Falésias da Barreira do Inferno. Fonte: <https://www.praiasdenatal.com.br/barreira-do-inferno/>

Rio de Janeiro mas era membro de uma tradicional família potiguar. Logo, em 7 de agosto de 1964, os quase 2.000 hectares foram integralmente doados para o então Ministério da Aeronáutica.

Aos olhos de hoje, diante da intensa especulação imobiliária existente no belo litoral potiguar, pode parecer estranho alguém doar um terreno daquelas dimensões ao Governo Federal. Mas alguns fatores talvez possam explicar essa decisão.

Como comentamos anteriormente, Pedroza morava no Rio, onde ele certamente tinha seus interesses, objetivos e investimentos e naquele início da década de 1960, dentro da realidade do paupérrimo Rio Grande do Norte, dificilmente Fernando Pedroza poderia usufruir pecuniariamente

daquele local a curto prazo. Consta que Aluizio Alves, então governador potiguar e com ligações pessoais com Pedroza, intercedeu para a doação da área, mostrando o quanto seria proveitoso para o Estado a implantação daquela base. Não sei se também pesou na decisão de Fernando Pedroza o fato de ser complicado para ele se colocar contrário aos objetivos estratégicos da classe fardada naquele período, poucos meses após os militares deflagrarem a revolução de 31 de março de 1964.

Em todo caso o terreno foi entregue e tempos depois, certamente pelos seus “sentimentos de brasilidade e patriotismo”, o antigo proprietário foi agraciado pela Força Aérea Brasileira (FAB) com a Medalha do Mérito Aeronáutico.



Instalações da Barreira do Inferno. Fonte: Arquivo Nacional

INÍCIO DAS OBRAS E PRIMEIROS LANÇAMENTOS

As obras foram iniciadas em 5 de outubro de 1964, com parte delas sendo executadas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, que na época tinha recrutado quinze presidiários para trabalhar no desmatamento da área, em troca de benefícios nas penas. Consta que sem o apoio do governo Aluízio Alves para o desenvolvimento da Barreira do Inferno, a base de lançamento de foguetes poderia ter ido para Aracati, no Ceará, ou para o Arquipélago de Fernando de Noronha, administrado por Pernambuco.

Quem primeiro noticiou a construção da nova base foi o jornalista Paulo Macedo, recentemente falecido, em sua coluna da segunda página do Diário de Natal (Ed. 09/10/1964).

Em meio as dunas logo surgiu todo um complexo de estradas pavimentadas, garagens, prédios, abrigos, depósitos, rampas, antenas e radares. Foram construídas a casamata blindada para os técnicos acompanharem os lançamentos de foguetes a curta distância e as várias rampas de disparo. Estradas pavimentadas ligavam estas rampas aos depósitos e hangares onde ficam abrigados os foguetes, antes de serem preparados para ir aos céus. Outras estradas interligavam esses depósitos aos centros de rastreio e telemetria, instalados em prédios próprios,



Casamata blindada da Barreira do Inferno. Fonte: Arquivo Nacional



Instalações da Barreira do Inferno. Fonte: Arquivo Nacional

e aos prédios administrativos.

Nascia assim o CLFBI – Centro de Lançamento de Foguetes da Barreira do Inferno, um local que sem dúvida alguma encheu de orgulho os potiguares, ao ponto dos radialistas locais designarem Natal como “Capital Espacial do Brasil”.

Nos jornais natalenses da época existe a informação de que alguns foguetes de teste foram disparados em abril, ou junho, de 1965. Mas, oficialmente, o pri-

meiro lançamento de um foguete aconteceu em dezembro daquele ano, em um evento que contou com a presença do brigadeiro Eduardo Gomes, então Ministro da Aeronáutica. Nessa ocasião foi disparado um foguete de dois estágios denominado Nike-Apache, utilizado para sondagens, de fabricação norte-americana e capaz de atingir quase 200 km de altitude. O foguete subiu ao espaço exatamente as 16h e 28 minutos de 15 de dezembro de 1965.

Em tempo – A Barreira do Inferno não é a primeira base de lançamento de foguetes da América Latina. A honra cabe à Base de Santo Tomás, em Pampa de Achala, Província de Córdoba, Argentina, onde em fevereiro de 1961 foi lançado um foguete tipo Apex A1-02 Alfa-Centauro, que alcançou 2.170 metros de altitude. Esse foi o primeiro artefato desse tipo lançado nessa parte do Planeta. Inclusive alguns acreditam, mesmo sem apresen-



Atividade dos técnicos nas instalações da Barreira do Inferno. Fonte: Arquivo Nacional

tar provas, que muito do desenvolvimento da Barreira do Inferno por parte do Governo

Brasileiro se deveu ao positivo andamento do programa espacial argentino.

DESENVOLVIMENTO

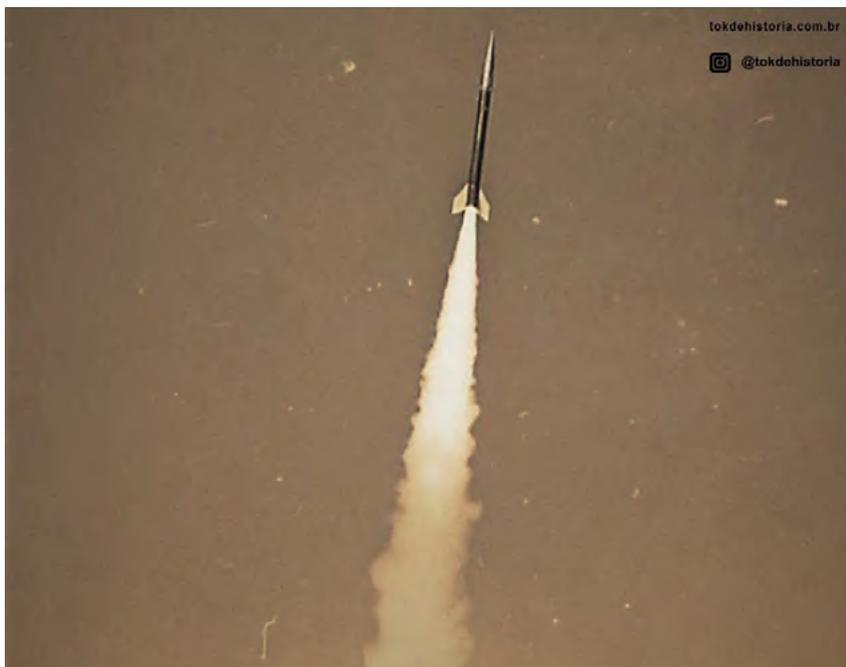
Bem antes da Barreira do Inferno lançar seus primeiros foguetes, o pessoal do Grupo Executivo de Trabalho e Estudos de Projetos Espaciais (GETEPE), do Ministério da Aeronáutica, providenciava junto a NASA, nos Estados Unidos, o treinamento do pessoal técnico necessário às operações de lançamento e para se familiarizarem com esses artefatos. Logo, cerca de dez norte-americanos desembarcaram em Natal para instruir a equipe da Barreira do Inferno no uso de uma série de equipamentos cedidos ao Brasil.

Nos anos seguintes a Barreira do Inferno foi palco do lançamento de centenas de foguetes.

Aquilo visto nos céus potiguares foi um verdadeiro foguetório de fazer inveja em festa de São João no interior. Chegou um momento que de tão comuns, os rastros dos foguetes já nem chamavam mais a

atenção das pessoas na cidade. De toda maneira, o espetáculo enchia de orgulho o povo de nossa terra, sendo referência no Brasil. Até o grande sanfoneiro Luiz Gonzaga colocou na sua música “Nordeste

prá frente” o seguinte refrão: *“Caruaru tem sua universidade Campina Grande tem até televisão Jaboatão fabrica jipe à vontade Lá de Natal já tá subindo foguetão...”*



Disparo de foguete. Fonte: Arquivo Nacional

Desde os brasileiríssimos Sondas I, II e III, onde esse último alcançava mais de 500 quilômetros de altitude, a foguetes estrangeiros como os Nike Tomahawk, Nike Cajun, Aerobee, Black Brant, Javelin, Arcas e Hasp, foram disparados da Barreira do Inferno. Alguns foguetes superaram os 1.000 quilômetros de altitude e outros foram lançados como parte de importantes programas de pesquisas nacionais e estrangeiros.

Além de técnicos norte-americanos, passaram pela Barreira do Inferno técnicos franceses, canadenses e alemães. E a presença desses últimos por aqui, vindos do Max Planck Institute, acabou gerando um incidente internacional.

FOGUETÓRIO TEUTO- BRASILEIRO

De dezembro de 1965 a março de 1972 a Barreira do Inferno já havia disparado um total de 381 foguetes. O lançamento de número 382 estava previsto para ocorrer no dia 7 de março de 1972 e este seria um modelo Black Brant 5C, fabricado pela empresa canadense Bristol Aerospace e vendido para os alemães desenvolverem seus projetos de pesquisa espacial.

Essa operação era parte do



Fonte: Arquivo Nacional



Preparação para disparo na década de 1970. Fonte: Arquivo Nacional

Projeto Aeros, onde o custo de um milhão de dólares do disparo era totalmente financiado pelo estado germânico e trazia algumas novidades em relação aos lançamentos anteriores. A sua carga útil de componentes eletrônicos de medição, pesando 98 quilos, seria recuperada a cerca de 145 milhas náuticas (268 km) de distância da base, o Black Brant 5C atingiria a altitude máxima de 230 km e após

o fim do combustível cairia livremente até 4.500 metros de altitude, quando seria acionado seus paraquedas e a carga desceria tranquilamente no oceano. Essa carga seria recuperada com o trabalho conjunto de uma corveta do Grupamento Naval do Nordeste da Marinha do Brasil e dois helicópteros SAR (do inglês: Search And Rescue – busca e salvamento) da Força Aérea Brasileira.

Fonte: Arquivo Nacional

Até então normalmente eram disparados foguetes cuja área de recuperação de sua carga útil atingia em média de 40 milhas náuticas (74 km) e metade da altitude do Black Brant alemão. Diante da situação, a FAB e a Marinha criaram uma área de exclusão ao redor da Barreira do Inferno, de 60 milhas náuticas (111 km), onde todo o tráfego aéreo e marítimo foi expressamente proibido por razões de segurança.

Durante a operação a corveta da Marinha ficaria permanentemente em alto mar e caberia também a sua tripulação a missão de informar a Barreira do Inferno, cinco horas antes do lançamento, as condições do tempo, velocidade do vento, visibilidade e cobertura das nuvens.

Ainda em relação à meteorologia, o monitoramento também era realizado pelo então Centro Meteorológico do Instituto de Atividades Espaciais, com sede em São José dos Campos, São Paulo, que utilizava informações vindas do satélite meteorológico americano ESSA-8. Todo este cuidado era importante, pois naquele início de março de 1972 estava ocorrendo chuvas na costa potiguar.

O evento era coberto de extrema segurança e contava com a presença do então Ministro da Aeronáutica, o brigadeiro José Campos de Araripe Macedo, toda a cúpula da FAB, do setor técnico aeroespacial brasileiro e do pessoal diplomático e técnico alemão.

Para manter a cobertura aérea



Nossos aviões estão vigilantes na Barreira do Inferno

NAVIO-ESPIÃO SOVIÉTICO FUGIU OU ESCONDEU-SE AO SER LOCALIZADO PELA FAB

Embora ainda não esteja confirmado o lançamento, marcado para hoje, de dois foguetes "Black Brandt" na Barreira do Inferno, devido às más condições meteorológicas e o mal agitado no lugar de resgate, a severa vigilância em razão da presença, constatada pela FAB, de um navio-espião soviético. Tão logo um aparelho da Força Aérea Brasileira o localizou, ancorado em nossas águas territoriais, e fez vôos rasantes para identificar sua bandeira, o navio científico soviético, "Cosmonauta Yuri Gagarin" (foto), ligou as máquinas e partiu no rumo da Ilha Fernando de Noronha. Mesmo assim, um outro avião da FAB vasculhou, durante mais de cinco horas, um trecho de 900 quilômetros, sendo empregadas a varredura a radar e visual. Não foi visto nem sinal do navio russo. A vigilância, na área está redobrada. (Página 2)

segura, a FAB disponibilizou duas aeronaves de patrulha Lockheed P-15 Neptune, pertencentes ao Primeiro Esquadrão do Sétimo Grupo de Aviação (1º/7º GAv), o conhecido Esquadrão Orungan,

sediado em Salvador, na Bahia.

E foram os membros deste esquadrão que localizaram em alto mar, às dez horas da manhã do dia 1º de março, um penetra no foguetório teuto-brasileiro.



O Iuri Gagarin e sua inconfundível silhueta. Fonte: Wikipédia

O INTRUSO VERMELHO

As aeronaves de patrulha da FAB eram equipadas com radares de busca, podiam voar horas sobre o mar e, segundo os jornais da época, teriam detectado um forte sinal que aparentava ser de um navio de grande porte e agindo de maneira suspeita em águas territoriais brasileiras. Prontamente eles foram investigar.

Os tripulantes se depararam com um grande navio pintado em cor clara, equipado com enormes antenas parabólicas, navegando lentamente a cerca de 144 milhas náuticas (266 km) da costa de Natal. Os dados mostraram que o tal navio estava 56 milhas náuticas (103 km) dentro de águas territoriais brasileiras, em clara violação das nossas leis. Não demorou e os tripulantes viram a bandeira vermelha, com a foice e o martelo estampados em dourado, mostrando que aquele era um navio da União das Repúblicas Socialista Soviética.

Vale frisar que nesta época a União Soviética, atual Federação Russa, não reconhecia o mar territorial brasileiro como tendo 200 milhas náuticas. O decreto ampliando a nossa faixa marítima havia sido instituído apenas em 1970 e, além dos soviéticos, os arquivos do Itamaraty registraram notas de protesto, ou de não reconhecimento, ou de reservas quanto ao ato unilateral de ampliação do nosso mar territorial, vindos de países como a Bélgica, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Japão, Noruega, Reino Unido, República Federal da Alemanha e Suécia.

Mas para os aviadores do P-15 Neptune os soviéticos e

seu grande navio estavam sim em nossas águas territoriais e ou caíam fora, ou poderiam sofrer alguma consequência. E lá embaixo não estava um “barquinho” qualquer, era o grande e recém-lançado navio soviético de monitoramento espacial Cosmonauta Iuri Gagarin.

Um verdadeiro monstro com 230 metros de comprimento, autonomia de 24.000 milhas náuticas (44.448 km) e uma tripulação de 180 pessoas, onde entre estes se encontravam alguns dos mais especializados técnicos de monitoramento e rastreamento eletrônico da extinta União Soviética. Em operação desde dezembro de 1971, a silhueta do



Desenho do P-15 da FAB. Fonte: wp.scn.ru

navio Cosmonauta Iuri Gagarin se caracterizava pela existência de quatro grandes antenas parabólicas e elas serviam para monitorar tudo que fosse interessante e relativo a área espacial produzida pelos países ocidentais.

Apesar de vivermos um período de extrema censura jornalística durante a ditadura militar brasileira, o interessante neste caso foi que os militares não negaram aos jornais praticamente nenhuma informação sobre a presença em nossas águas deste “intruso

Fonte: Arquivo Nacional



Navio Cosmonauta Iuri Gagarin. Fonte: Wikipédia

vermelho”. Desejavam mostrar que as nossas Forças Armadas estavam atentas a movimentação

daquele barco carregado de alta tecnologia russa e em clara missão de espionagem tecnológica.

RASPANDO AS ANTENAS E O MASTRO DO NAVIO SOVIÉTICO

E não podemos negar que o pessoal do Esquadrão Orungan estava realizando corretamente seu trabalho. Segundo o então comandante da operação de lançamento do foguete Black Brant 5C, o coronel aviador Paulo Henrique Correia do Amarante, não havia dúvidas que o navio Cosmonauta Iuri Gagarin estava no mar territorial brasileiro para monitorar e rastrear o lançamento do foguete adquirido pelos alemães.

Ele afirmou que após a localização visual do navio, ocorreu uma primeira passagem para fotografias e depois os P-15 Neptune da FAB realizaram voos rasantes “raspando as antenas e o mastro do navio soviético”. A tripulação do Iuri Gagarin prontamente acelerou as máquinas



e deslocou a nave para fora de nossas águas territoriais, em uma direção que o conduzia à região do Arquipélago de Fernando de Noronha. O coronel Paulo Henrique chegou mesmo a apresentar fotografias do navio espião à imprensa.

Foi divulgado que no dia 6 de março os P-15 Neptune retornaram à missão de buscas ao

navio Cosmonauta Iuri Gagarin, em uma operação que durou mais de cinco horas, alcançando uma área de 900 milhas náuticas de patrulha, incluindo Fernando de Noronha. Foi utilizado constante busca por radar. Seguiram a bordo cinegrafistas para registrar a presença da nave, mas o grande navio não voltou a ser localizado.

Fonte: Arquivo Nacional



Para os militares brasileiros o lançamento do foguete Black Brant 5C e a parceria teuto-brasileira não tinha nada de secreto. Tanto que as atividades na Barreira do Inferno eram amplamente divulgadas, até como forma de mostrar que o governo militar era atuante e tecnologicamente moderno. Deduziu-se que a presença do navio Cosmonauta Iuri Gaga-

rin, violando as novas águas territoriais brasileiras e arriscando um possível problema diplomático, era um claro aviso aos alemães que os soviéticos estavam plenamente atentos às suas atividades aeroespaciais, ocorressem elas onde ocorressem.

Essa situação de bisbilhotagem eletrônica entre a extinta União Soviética e os países ocidentais eram

ações mais do que corriqueiras durante a chamada Guerra Fria. Eles se xeretavam mutuamente na tentativa de descobrir os avanços tecnológicos dos inimigos e muitas vezes essas ações serviam para mostrar ao adversário que o outro lado estava atento e alerta.

Nós brasileiros é que não estávamos acostumados com este tipo de coisa.

A VISITA DAS BALEIAS

Serguei Mikhailov, o então embaixador soviético no Brasil na época, negou qualquer declaração à imprensa por parte daquela representação diplomática e não sei se o Itamaraty chegou a emitir alguma nota de desagravo. Desconheço se o caso teve maiores desdobramentos diplomáticos.

Apesar de alguns atrasos devido à chuva, exatamente às 7h32m53s da manhã do dia 8 de março de 1972, o foguete Black Brant 5C foi lançado da Barreira do Inferno em direção ao sol.

O artefato alcançou 230 km de altitude e, precisamente 10 minutos e 15 segundos após o lançamento, a sua carga útil de equipamentos eletrônicos de medição tocou o Oceano Atlântico a 15 milhas náuticas (28 km) da corveta da Marinha. Já os P-15

Black Brant é lançado com êxito e desce próximo de onde esteve navio soviético

Barreira do Inferno (Tarcísio Baltar e Antônio Teixeira, enviados especiais) — Sem a presença incômoda do navio soviético *Cosmonauta Iúri Gagarin*, o foguete Black Brant foi lançado ontem de Barreira do Inferno e, cumprindo tôdas as previsões, deixou cair sua carga útil no oceano, em área bem próxima de onde esteve ancorado o barco russo.

A cápsula desceu a 124 milhas marítimas da costa de Natal, num ponto distante apenas cêrca de 20 milhas do local em que o *Iúri Gagarin* foi localizado na semana passada. Oficiais da FAB admitem que o barco tenha efetuado o rastreamento do foguete de fora de águas territoriais brasileiras, pois dispõe de equipamentos dos mais sofisticados.

Neptune da FAB localizaram visualmente a cápsula no mar e apoiaram a chegada do navio da marinha brasileira.

Os militares da FAB não avistaram o navio *Cosmonauta Iuri Gagarin* novamente, mas informaram que foram visualizadas

duas graciosas e grandes baleias próximas ao artefato aeroespacial. Consta que os cetáceos se mostraram completamente indiferentes com a presença humana no seu território, com as tolas diferenças ideológicas dos homens e com seus brinquedinhos tecnológicos.



DIAS ATUAIS

Ao longo dos anos a Barreira do Inferno continuou a exercer com dignidade a sua missão, mas o crescimento de Natal ligou o sinal de alerta para os militares brasileiros. Um acidente com um foguete que por ventura caísse na área urbana da capital potiguar, carregado de combustível altamente inflamável, seria uma catástrofe. Nesse sentido, os militares passaram a desenvolver uma base de lançamento na região do município maranhense de Alcântara, onde

continuam as pesquisas espaciais do nosso país.

Já faz tempo que o povo de Natal não olha mais para o céu e observa interessantes rastros espiralados de fumaça branca, que muitas vezes marcavam grandes extensões do firmamento, as rádios locais já não transmitem o bordão “Capital Espacial do Brasil” e tudo isso ficou na memória dos natalenses. Hoje é tudo tão ligado à memória, que até um museu foi criado próximo a entrada da Barreira do Inferno.

As últimas notícias que tive em relação a essa base informam que muito do pessoal ali lotado foi transferido para a Base Aérea de Parnamirim e não se sabe o que exatamente a FAB fará com aquele local.

Mas, uma coisa é certa, seja lá o destino que a Barreira do Inferno venha a ter, esse local jamais vai deixar de fazer parte da história potiguar e quem viu aqueles foguetes nos céus de Natal jamais esquecerá aqueles momentos.



FONTE: TOK DE HISTÓRIA (<https://tokdehistoria.com.br/2021/07/10/barreira-do-inferno-quando-natal-era-a-capital-espacial-do-brasil/>)



Nelson Mattos Filho
Velejador - avoante1@hotmail.com



Ilha Maria Guarda

VIDA A BORDO 80 - 10/06/2008

ILHA MARIA GUARDA

Quantos encantos têm a Bahia para o navegante? Para mim são infinitos. Nas águas da Baía de Todos os Santos podemos encontrar boa parte das maravilhas que fazem deste lugar o melhor para a prática náutica, senão do mundo, com certeza do Brasil. Águas mornas e tranquilas, ventos que sopram numa intensidade perfeita e a quantidade de locais abrigados para ancoragens trazem muitos prazeres para os que têm paixão pelo mar.

Ilha da Maria Guarda, 1 km de extensão, 400 habitantes, distrito do município-ilha de *Madre de Deus*. *Maria Guarda* possui uma escola pública com ensino

básico. A escola conta com um laboratório de informática, para alunos e comunidade, e vários cursos ocupacionais. Um posto de saúde com atendimento clínico em todas as especialidades médicas. Uma rua, a única da ilha, totalmente calçada, porém, não possui carros, nem motos. Saneamento básico com apoio do projeto *Bahia Azul*. Limpeza pública. Uma praça. Energia elétrica e água encanada. Isso é a Ilha de Maria Guarda, um pequeno pedaço do paraíso que chamou nossa atenção quando pretendíamos ancorar na Ilha de Madre de Deus.

Dizem que o nome da Ilha vem

de uma história engraçada contada por alguns moradores: Um saveirista que vivia na ilha saiu para o mar e esqueceu o cachimbo na casa de uma namorada. A mulher correu para o porto, mas não alcançou o homem que já navegava ao largo. Ela acenou com o cachimbo na mão, e ele gritou: *Maria, guarda! Maria, guarda!*

A Ilha de Madre de Deus foi emancipada de Salvador em 1987. É o menor município do Estado e um dos mais ricos. Tudo por causa da refinaria de petróleo instalada no município. O Porto tem movimento intenso de navios e rebocadores e o canal de acesso é seguro e bem sinalizado.



Igejinha da ilha Maria Guarda

Quando saímos do *Aratu Iate Clube* tínhamos o rumo traçado para Madre de Deus, mas a proximidade de ancoragem com o grande porto e a refinaria não foi de nosso agrado. Maria Guarda estava um pouco mais a frente.

O canal de acesso à Maria Guarda é profundo e sinalizado. Passamos pelas Ilhas do Capeta e da Vaca, em frente à Maria Guarda, e viramos a boreste no canal que a separa da Ilha Bimbarras. Na virada, para entrar no canal, tivemos que nos afastar um pouco do canal, devido a um baixo fundo na ponta norte da ilha, mas sem aproximar da Ilha Bimbarras, que também tem fundo de pedras em todo seu lado oeste. Esse é o único ponto crítico da rota, mas o centro do canal é bastante profundo.

A ancoragem é super tranquila e abrigada. A correnteza de maré vazante é forte, mas não afetou o fundeio, o barco girava normalmente sem problemas.

Tudo ao redor é a mais exuberante natureza. O porto e a grande refinaria ficaram para trás. Nesse paraíso a vida caminha lenta em paz e sem barulho.

A Ilha da Vaca, de propriedade particular, é outro paraíso nesse cenário de mata verde e mar. Chegamos a ela com o apoio de nosso bote inflável. Caminhamos um pouco pela praia e não vimos uma viva alma. A ilha era toda nossa.

Não tivemos tempo de explorá-la como desejávamos, tínhamos deixado o bote na areia, sem



Canoas ancoradas na ilha



Avoante em Maria Guarda

âncora, e a maré estava enchendo rápido. A prudência fez a gente voltar antes do tempo, sem antes não deixar de confirmar que ela é um belo paraíso.

A Ilha Bimarras, também particular, é uma reserva usada pelo IBAMA para soltura de animais e pássaros. Tem algumas trilhas que podem ser feitas com permissão do administrador e com a orientação de um guia. Essa parte ficou para outra oportunidade.

A praia que circunda a ilha é muito bonita, mas acessível apenas nas marés secas. Em suas areias os moradores de Maria Guarda catam mariscos de várias espécies. Passeamos um pouco

pela praia e ficamos encantados com a beleza da grande floresta virgem que cobre toda a ilha e cai sobre o mar.

O dia em Maria Guarda termina muito cedo, às 20h a população praticamente dorme. O silêncio na ancoragem é quebrado apenas pelos peixes que pulam próximo ao barco.

Pretendíamos passar dois dias em Maria Guarda, passamos cinco. Vou a Salvador, mas volto!

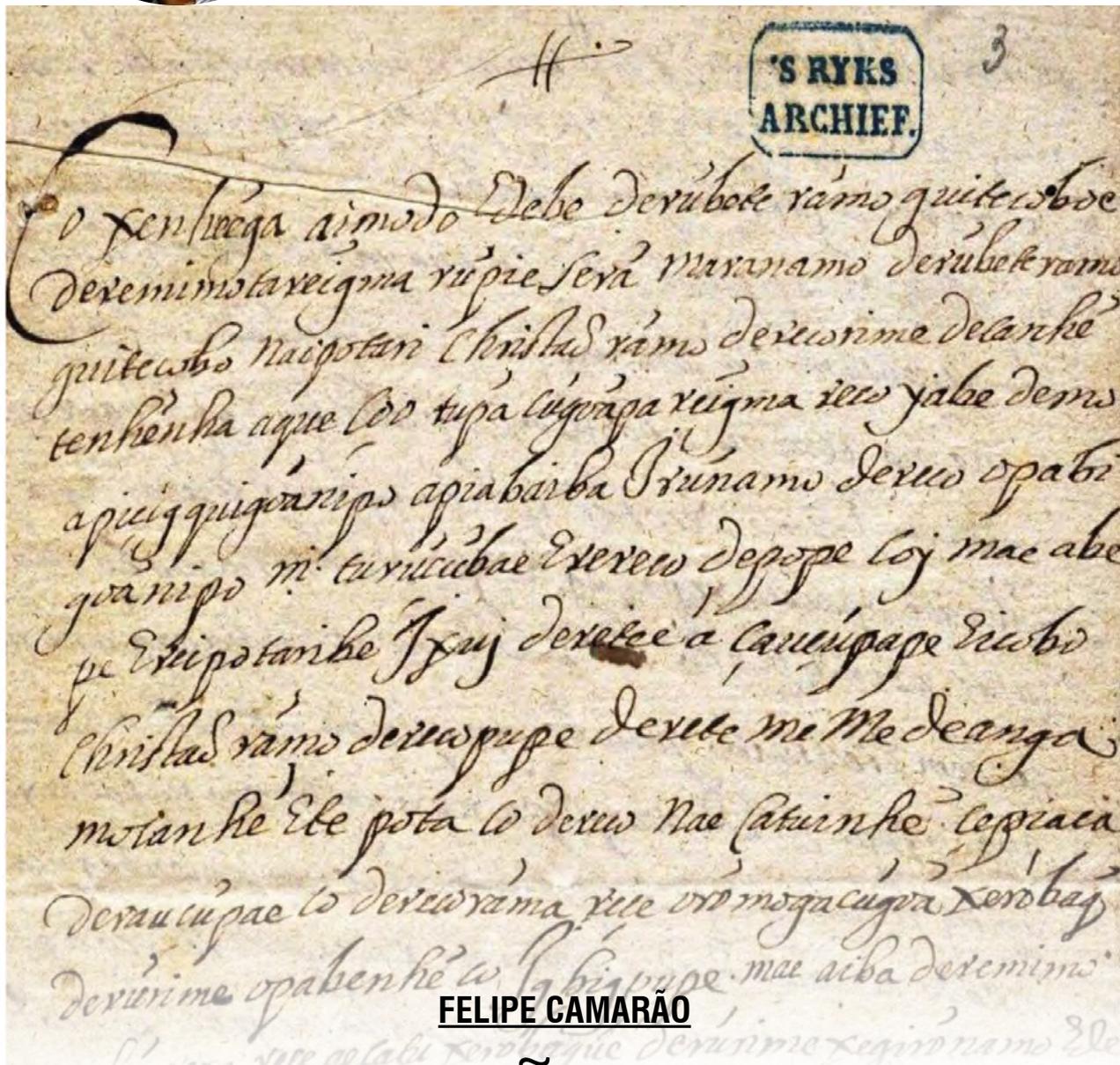
OBS: Texto escrito no Diário do Avoante em 2008. Treze anos depois, pouca coisa mudou na ilha Maria Guarda, que mantém o frecor da sua essência paradisíaca.



Minha Linda



Maurício Pandolphi
Jornalista



FELIPE CAMARÃO

CAPITÃO-MOR DOS ÍNDIOS

TRADUÇÃO DE CARTAS ESCRITAS EM TUPI ANTIGO
RESGATA A FIGURA DE FELIPE CAMARÃO

A recente divulgação da tradução de diversas cartas, escritas em tupi antigo, por indígenas que lutaram entre si, ao lado de portugueses e holandeses, trouxe novidades nos meios acadêmicos que se dedicam ao estudo e pesquisas relativas ao início da colonização europeia em terras brasileiras, nos séculos 16 e 17.

O professor Eduardo Navarro, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, um dos raros especialistas em tupi antigo e literatura do Brasil colonial, traduziu recentemente seis cartas trocadas entre indígenas da etnia potiguara em 1645, e quer são os únicos textos conhecidos em que os próprios indígenas escreveram em sua língua nativa.

Essas cartas, descobertas em 1880, estão guardadas nos arquivos da Real Biblioteca de Haia, na Holanda, e detalham uma guerra religiosa e comercial, travada entre portugueses e holandeses, conhecida como Insurreição Pernambucana (1645-1654). Nessa luta teve destaque a participação de indígenas católicos e protestantes, que lutaram uns com os outros, pegando em armas nos dois lados da disputa.

Segundo o professor Navarro, essas cartas pertenciam ao arquivo da Companhia das Índias Ocidentais, uma empresa de comércio com capitais privados e também capitais do estado holandês, que organizou uma inva-



Eduardo Navarro, professor e um dos raros especialistas em tupi antigo e literatura do Brasil colonial

são frustrada do Nordeste brasileiro em 1625. A companhia teria retornado à Holanda naquele ano, levando alguns líderes indígenas a bordo, entre eles Pedro Poti e Antônio Paraopeba.

Na Holanda, os caciques foram convertidos ao protestantismo calvinista. Cinco anos depois a Companhia das Índias invadiu novamente a costa nordestina, dessa vez com êxito, principalmente, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, onde os holandeses permaneceram entre 1630 e 1654.

As cartas jamais haviam sido traduzidas, apesar das tentativas de diversos estudiosos ao longo dos anos. Somente agora isso ocorreu, graças ao trabalho de Eduardo Navarro. Mas antes ele teve que se debruçar sobre os mistérios do tupi falado nas primeiras décadas do período

colonial e que tem características diversas do tupi falado atualmente nas poucas comunidades indígenas que preservaram sua língua nativa. Navarro, inclusive, publicou antes um dicionário de tupi antigo.

A BZZZ traz nesta edição uma entrevista exclusiva com Eduardo Navarro, onde o historiador e pesquisador traz novidades sobre aquele período histórico, fala sobre a língua tupi, que foi dominante em todo o país até meados do século 18, de sua influência na formação do português falado hoje no Brasil, e também acrescenta novas facetas ao que já se sabia sobre Felipe Camarão, indígena que deixou seu nome na história, ao lutar ao lado dos portugueses e cujo berço natal é disputado até hoje por Rio Grande do Norte e Pernambuco.

QUEM FOI FELIPE CAMARÃO?

Um líder indígena que lutou ao lado dos portugueses

Felipe Camarão é nome de ruas em diversas cidades do Rio Grande do Norte e Pernambuco, e um bairro em Natal. Tem seu nome gravado na fachada do prédio da Prefeitura de Natal, nomeia projetos culturais e é inegavelmente um personagem histórico importante, que teve papel relevante no período em que portugueses e holandeses disputavam o controle de grande parte da região do nordeste brasileiro, na primeira metade do século 17.

Camarão teve comprovada participação na luta ao lado dos portugueses, que resultou na expulsão dos holandeses, foi um líder militar que se ombreou aos comandantes portugueses, chegou a receber da coroa portuguesa os títulos de Dom, Capitão-mor e Governador de Todos os Índios do Brasil e é reconhecido como um personagem singular, que ocupa papel de destaque entre aqueles que contribuíram para a definição cultural e política do Brasil naquele período.

Foi ele um indígena aculturado, da etnia potiguara, convertido ao catolicismo e que ostentava uma formação cultural surpreendente para alguém com suas origens - inclusive superior à média dos portugueses que arribavam à então colônia - capaz, entre outras coisas, de se expressar e escrever em português, latim e, como se descobriu posteriormente, até em tupi antigo. Felipe foi educado pelos jesuítas, religiosos da Companhia de Jesus, que ao chegarem aqui trataram de converter os indígenas, mas com o cuidado de preservar algumas de suas características culturais, entre elas sua língua.

É preciso lembrar que grande parte desse feito - a valorização da língua nativa falada



ao longo de todo o litoral da terra recém descoberta - se deveu ao jesuíta José de Anchieta (1534-1597), primeiro europeu a estudar o tupi e que foi o autor da obra "Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil", publicada em Coimbra, Portugal, dois anos antes da morte do religioso e pioneiro em terras brasileiras.

AFINAL, ONDE NASCEU CAMARÃO?

Natal e Igarassú (PE) disputam o berço do herói

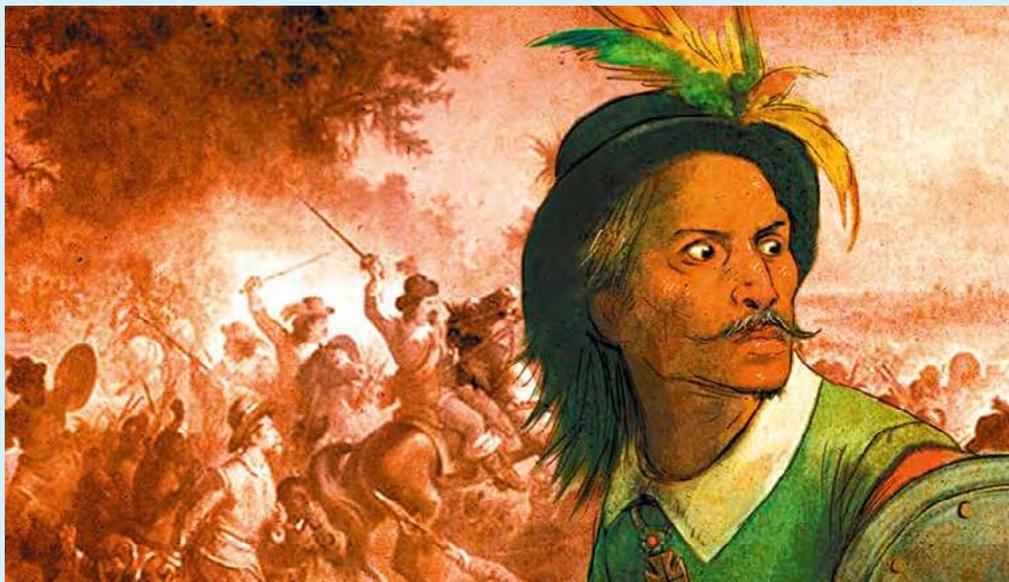
No início do século 20 começou uma disputa entre historiadores de Pernambuco e Rio Grande do Norte pelo local de nascimento de Antonio Felipe Camarão. Segundo artigo publicado há alguns anos por OLAVO DE MEDEIROS FILHO, do Instituto Histórico e Geográfico do RN, em 1904 o pernambucano PEREIRA DA COSTA defendeu a tese de que existiram **DOIS** indígenas conhecidos como Camarão: um, mais velho, chamado POTYGUAÇÚ, ou Grande Camarão (? -1625), nascido numa aldeia localizada na região do atual bairro de Igapó, em Natal, ex-canibal, pacificado pelos jesuítas lusitanos e que firmou as pazes entre índios e portugueses em 1599; e o outro, seu sobrinho, que recebeu em 1612, pelo batismo, o nome de Antonio Felipe Camarão, que teria vivido entre 1601 e 1648, pernambucano nascido na aldeia de Miritiba, próxima ao atual município de Igarassu. Teria sido esse segundo Camarão quem efetivamente se tornou o herói da Insurreição Pernambucana, lutou ao lado dos portugueses contra os holandeses e escreveu al-

gumas das cartas agora traduzidas.

Logo depois o historiador norte-rio-grandense LUIS MANUEL FERNANDES SOBRINHO sustentou a tese segundo a qual Potyguaçu e Antonio Felipe Camarão seriam a mesma pessoa, que teria vivido entre 1591 e 1648.

A disputa pelo privilégio do nascimento do herói continuou ao longo de todo o século 20 e permanece até hoje, com as participações ao longo do tempo, entre outros, do padre MANUEL GONÇALVES SOARES DE AMORIM, de NESTOR LIMA e LUIS DA CÂMARA CASCUDO pelo lado do Rio Grande do Norte, e JOSÉ GONSALVES DE MELLO e MÁRIO MELO pelos pernambucanos.

É necessário relembrar que na época o Rio Grande do Norte fazia parte da chamada província de Itamaracá ou Pernambuco, que incluía também os atuais estados da Paraíba e Pernambuco. Em consequência, o próprio Antonio Felipe Camarão se declarava pernambucano, fato que contribui para incrementar ainda mais essa disputa.



CLARA CAMARÃO, A MULHER QUE LUTOU AO LADO DO MARIDO

*Ela pegou em armas e também
enfrentou os holandeses*

Assim como muitos heróis, Felipe Camarão também teve ao seu lado uma grande mulher, que deixou seu nome na história: Clara Camarão, uma indígena também da etnia potiguara, foi líder e lutou ao lado de um grupo de mulheres – inclusive portuguesas, esposas e filhas dos colonizadores - contra os invasores holandeses. Embora não tenha sido citada nas cartas agora traduzidas, sabe-se que ela desempenhou papel importante naquele período conturbado.

Tal qual o marido, ela teria sido educada pelos jesuítas e se destacou por sua atuação, rara entre as mulheres na época, ao ponto de ter seu nome incluído no “Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria”, que homenageia diversos personagens que se destacaram na construção do nosso país e está impresso em chapas de aço no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

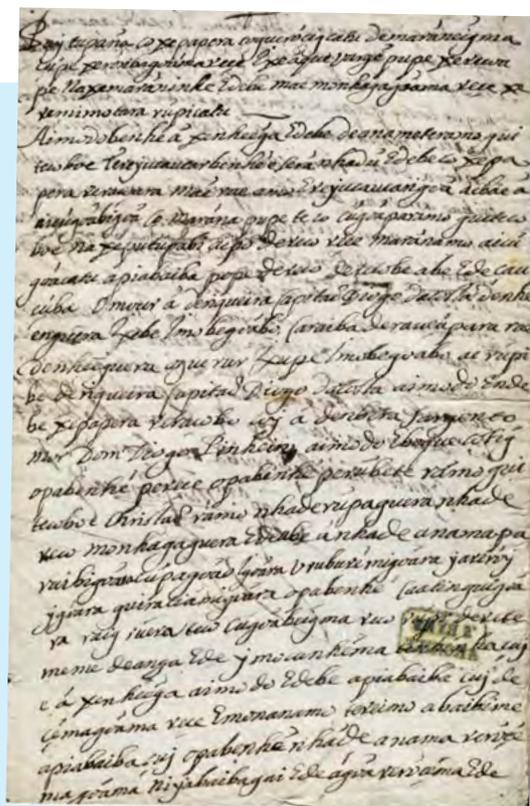
Entretanto ainda persistem nos meios acadêmicos muitas dúvidas sobre quem efetivamente ela foi, porque faltam documentos originais da época em que viveu que comprovem suas ações. Para muitos pesquisadores essa lacuna deve-se à notória invisibilidade feminina ao longo da história e ao costume europeu, vigente de certa forma até a atualidade, de relegar a um segundo plano nos relatos oficiais as culturas submetidas e os personagens conquistados no processo de colonização.



De toda forma, todos os anos um grupo de mulheres encena uma das batalhas onde Clara Camarão teria se destacado, no povoado de Tejucupapo, no município de Goiana, Pernambuco. O espetáculo popular reverencia, além de Clara, a própria luta feminina contra os invasores e busca combater o preconceito com relação ao papel das mulheres na história.

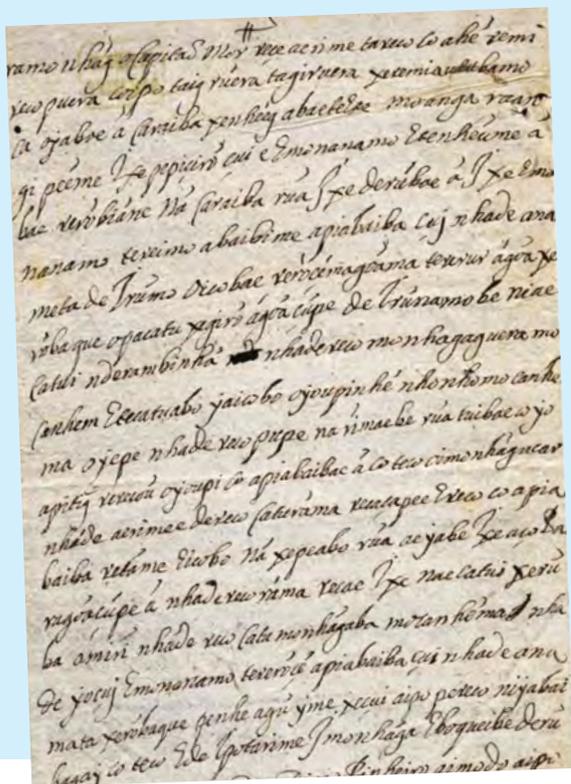
TRECHO DA CARTA DE FELIPE CAMARÃO PARA PEDRO POTI, ESCRITA EM 19 DE AGOSTO DE 1645:

“Por que faço guerra com gente de nosso sangue, se vocês são os verdadeiros habitantes desta terra? Será que falta compaixão para com nossa gente? Ora, já duas vezes em luta? Os maus índios potiguaras que lutavam conosco morreram todos em Serinhaém. Todos os que ajudavam os homens maus morreram na batalha ontem, lamentavelmente. Os que lutaram com os holandeses para sua própria desonra, todos eles morreram por nossas mãos.”



TRADUÇÃO JUSTALINEAR DE OUTRO TRECHO DA MESMA CARTA:

“Marãnamo, || Por quê, kó yby poreté-ramo || desta terra como habitantes verdadeiros pe rekó-reme, || se vocês estão, amarãmonhangype || faço guerra oré gúasembaba ri? || com nossos chegados? Na saúsubarypyramo ruã || Não como aqueles de quem se compadece sekôû? || estão eles? Ma'ê-te-pe é mokôî ygüã || Ora, duas vezes já maramonhangá-pe? || em luta? Oré resé omaramonhãba'e, || Conosco os que lutavam, apýabaíba pitikoara, || os maus índios potiguaras, kanhẽ-mbabi Serinha'ẽme. || perceram todos em Serinhaém. Apýabaíba pytybõsara || Dos homens maus os ajudantes, opakatu i kanhemi || todos eles perceram.



BATE-PAPO COM EDUARDO NAVARRO

O professor Eduardo de Almeida Navarro concedeu essa entrevista exclusiva à BZZZ. Nela ele fala do seu trabalho de tradução das cartas escritas na língua tupi por Felipe Camarão e outros indígenas da etnia potiguara, em 1645, agora traduzidas, além de trazer novas informações sobre Felipe Camarão e dados importantes sobre o papel que o tupi representou na própria formação linguística e cultural do Brasil.

Navarro é professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP) e o mais importante estudioso da atualidade a se dedicar ao trabalho de recuperação, preservação e ensino da língua tupi no Brasil.

BZZZ - Essas cartas foram descobertas em 1885 pelo historiador José Hygino Duarte Pereira, mas ninguém havia conseguido traduzi-las antes. Qual a dificuldade encontrada pelos pesquisadores anteriores?

NAVARRO - As dificuldades maiores eram duas: a ortografia que se acha nas cartas, com palavras cortadas e, às vezes, escritas juntas, sem espaço entre si e, também, o desconhecimento que havia do vocabulário que nelas aparece, cuja tradução só foi possível após a publicação de um dicionário que contivesse tudo o que já se escreveu em tupi antigo, o que só aconteceu em 2013, quando a Editora Global publicou meu *Dicionário de Tupi Antigo - A Língua indígena clássica do Brasil*.

BZZZ - Quando o senhor iniciou a elaboração desse dicionário de tupi antigo e quais foram suas bases de pesquisa?



NAVARRO - Eu iniciei meu dicionário em 2002. Para elaborá-lo, vali-me dos textos de origem portuguesa, francesa, alemã e holandesa que nos chegaram dos séculos XVI e XVII: as gramáticas de José de Anchieta (1595) e Luís Figueira (1621), o *Vocabulário na Língua Brasileira* (manuscrito anônimo de 1621), o *Catecismo* de Antônio de Araújo (1618), o que escreveram Jean de Léry, Claude D'Abbéville, Hans Staden, George Marcgrave etc. Foi um trabalho longo e árduo.

BZZZ - Existem muitas diferenças entre o tupi falado até hoje em algumas comunidades indígenas e o tupi antigo? E o que distingue o tupi atual do antigo?

NAVARRO - Tupi Antigo e Guarani Antigo são línguas irmãs, como o português e o castelhano. Não são a mesma língua. Existe, sim, a *família Tupi-Guarani*, incluindo o tupi antigo, o guarani antigo, o guarani moderno, o tupi moderno (que é chamado de *nheengatu* e é falado no Vale do Rio Negro, na Amazônia), o Kamayurá (falado no Xingu), o Urubu-Kaapor (falado no Maranhão) etc. Tupi-Guarani, assim, é uma família que inclui mais de vinte línguas, algumas já mortas, como o Tupi e o Guarani antigos, outras ainda vivas.

BZZZ - Qual a diferença entre o tupi antigo e a chamada língua geral que parece ser falada até hoje em algumas comunidades indígenas, principalmente na Amazônia?

NAVARRO - Sim, muitas. A língua geral da Amazônia provém do Tupi Antigo que era falado no Maranhão no século XVII. Alguns chamam essa língua geral de Tupi moderno, mas o nome mais comum dela é *Nheengatu*.

BZZZ - Qual é a população estimada de indígenas que ainda fala o tupi e suas variações regionais?

NAVARRO - O *Nheengatu* (Tupi moderno) é falado por cerca de 6.000 pessoas. O *kamayurá* é falado por umas trezentas pessoas. O *Urubu-Kaapor*, o *Kayabi*, o *Parintintin* etc. por poucas centenas de pessoas.

BZZZ - Muitos historiadores afirmam que o tupi antigo era mais falado do que o português no início da colonização do Brasil. Isso é verdade?

NAVARRO - Sim, principalmente no século XVI. A gramática de Anchieta teve por título "*Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*". Na capitania de São Vicente, onde estava São Paulo, essa situação perdurou por muito mais tempo, até o século XVIII.

"As cartas revelam ser ele um grande chefe indígena, que se apresentava como pai de todos os potiguaras e que queria salvar a todos de um massacre que os portugueses prometiam fazer se seus parentes fossem aprisionados no campo holandês."

BZZZ - A história oficial parece caracterizar os indígenas da época como incultos e facilmente manipulados pelos europeus. Essas cartas indicam uma nova visão sobre o tema?

NAVARRO - Sim, sem dúvida. As cartas mostram a insatisfação que eles sentiam com a perda de suas tradições e de sua cultura e seu desejo de voltar a viver como seus avós.

BZZZ - O líder indígena Felipe Camarão ou Potyguacú foi um dos heróis da Batalha dos Guarapes, durante a chamada Insurreição Pernambucana. Essas cartas revelam algo novo sobre essa figura histórica?

NAVARRO - As cartas revelam ser ele um grande chefe indígena, que se apresentava como pai de todos os potiguaras e que queria salvar a todos de um massacre que os portugueses prometiam fazer se seus parentes fossem aprisionados no campo holandês. As cartas mostram também ser ele um grande estrategista militar, além de um homem muito sensível e inteligente.

BZZZ - Pode-se afirmar que Felipe Camarão foi um bom exemplo do trabalho de conversão religiosa e cultural dos indígenas, realizado pela Companhia de Jesus?

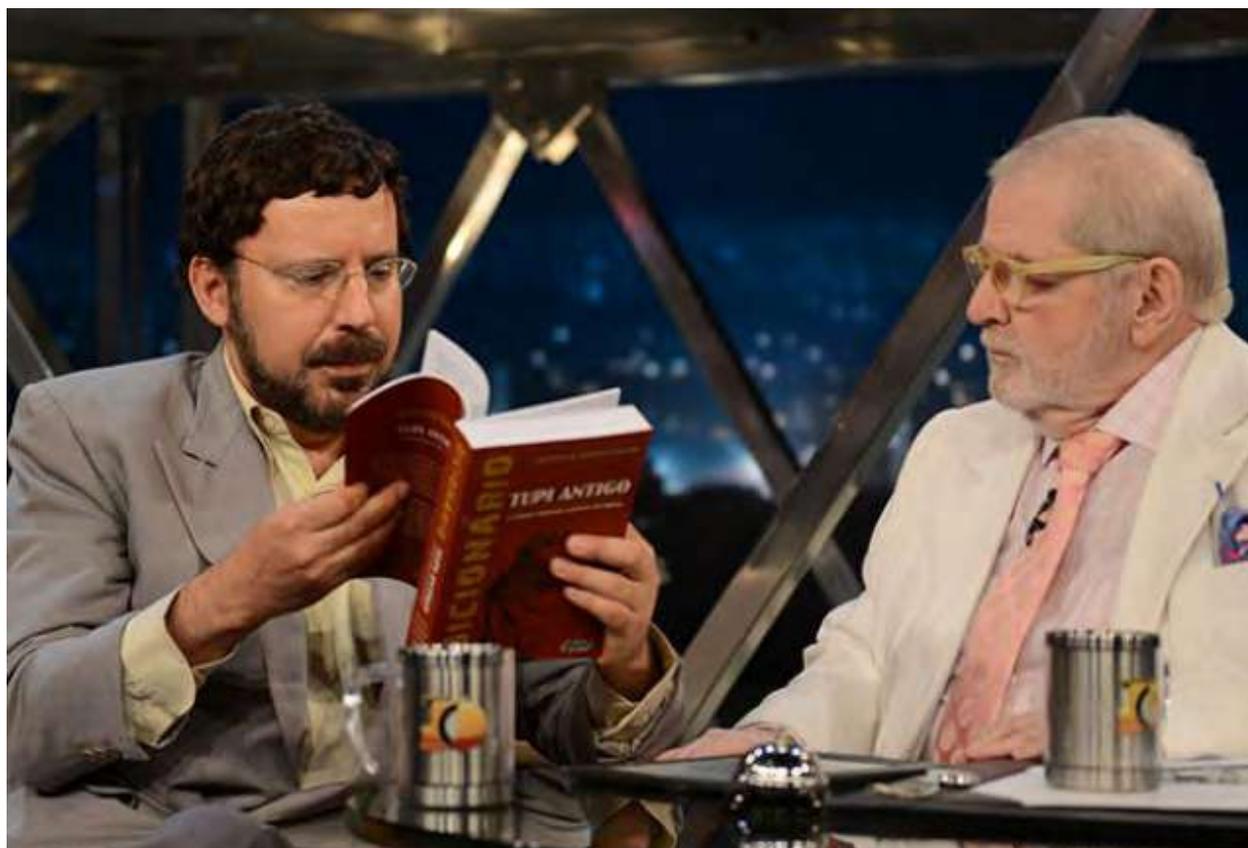
NAVARRO - Sim. Felipe Camarão teve uma boa instrução e chegou a receber até algumas noções de latim, o que somente era ensinado, naquela época, aos filhos dos colonos e não aos índios. Estes geralmente só aprendiam as primeiras letras. Felipe Camarão, por sua inteligência, teve uma formação mais aprofundada.

BZZZ - Ao que parece a europeização da cultura típica aqui praticada no período colonial só ocorreu de fato após a expulsão dos jesuítas no século 18. Como o senhor vê essa questão?

NAVARRO - Os jesuítas preocuparam-se com ter ascendência sobre os índios que evangelizavam, lutando para evitar sua escravização, mas colocando-os sob sua autoridade. Assim, eles não se preocuparam muito em fazer dos índios súditos do rei de Portugal, ensinando-lhes português. Mas, no século XVIII, com o Iluminismo, o mundo transformou-se profundamente e não era mais possível manter a situação antiga. Nesse momento é que começou a perseguição à Companhia de Jesus.

BZZZ - O que o levou a se empenhar nesse trabalho de redescoberta e preservação do tupí?

NAVARRO - Posso dizer que foi um profundo amor pelas coisas do Brasil, fruto de um nacionalismo que me foi incutido ainda na infância. Viajei



muito cedo pelo interior do Mato Grosso ainda quando as estradas eram de terra, tive um avô sertanista, que fundou um município naquele estado e outro no estado de São Paulo. Tudo isso influenciou minhas opções de estudo acadêmico.

BZZZ - O senhor atua de forma isolada hoje em dia ou há outros pesquisadores que também se dedicam ao estudo da língua tupí?

NAVARRO - Durante duas décadas eu realizei um trabalho muito isolado, mas, atualmente, estão surgindo novos pesquisadores que se dedicam a esse assunto, o que é muito bom e animador.

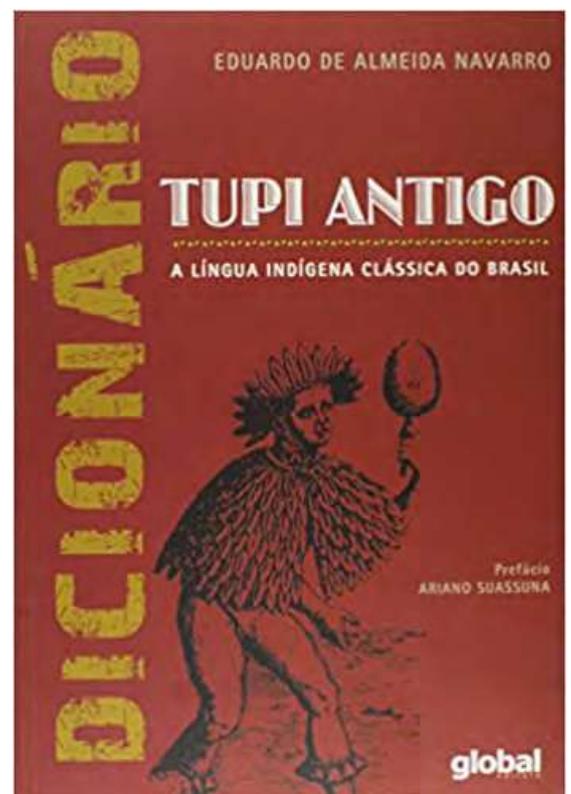
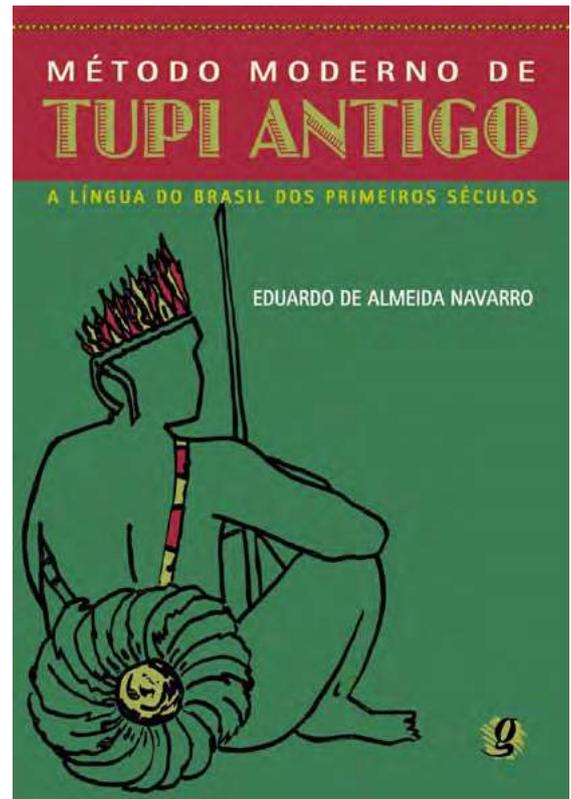
BZZZ - Qual a influência deixada pelo tupi no português falado no Brasil, além da toponímia?

NAVARRO - Foi muito grande. É difícil dimensionar tal influência, pois nem os melhores dicionários de português incluem todos os vocábulos de origem tupi que a língua falada emprega e nunca se escreveu (e esse é meu projeto para o futuro) um dicionário alentado de topônimos com origem no tupi antigo e nas línguas gerais dele surgidas. Tais topônimos estão em todo o país: Pernambuco, Tocantins, Cuiabá, Pirituba, Potengi etc. etc. etc.

No campo semântico da flora, da fauna, da culinária etc. os nomes do tupi antigo e das línguas gerais são milhares: tatu, sabiá, canindé, quirera, paçoca, pamonha, carnaúba, massaranduba, cabreúva etc. etc etc.

BZZZ - Finalizando, qual é a natureza de seu trabalho junto à comunidade indígena a Baía da Traição, que fica na divisa entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte?

NAVARRO - Eu ensino Tupi antigo aos potiguaras da Paraíba desde 2001. Já existem lá ótimos conhecedores da língua, que a ensinam em escolas indígenas de suas reservas. Estou escrevendo, agora, um método de tupi antigo falado, onde serão incluídos neologismos criados para designar os fatos e objetos da vida contemporânea. Deverei ministrar curso a eles no início de 2022 e também a um grupo de potiguaras do Rio Grande do Norte que busca recuperar suas raízes culturais.





Anderson Tavares de Lyra
Historiador
Visite o BLOG de HISTÓRIA E GENEALOGIA:
www.andersontavaresrn.blogspot.com



Praça Cívica?

Não! Praça Pedro Velho!

O ANTIGO BAIRRO DA CIDADE NOVA (PETRÓPOLIS E TIROL) E A PRAÇA PEDRO VELHO FORAM CRIADOS POR MEIO DA RESOLUÇÃO Nº 55, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1901, EDITADA PELO PRESIDENTE DA INTENDÊNCIA MUNICIPAL DO NATAL, CORONEL JOAQUIM MANOEL TEIXEIRA DE MOURA.

Durante os anos de 1910 e 1920, a Praça Pedro Velho foi utilizada para realização de partidas de futebol. Segundo Luís da Câmara Cascudo, nesse período, a praça era apenas um tabuleiro de relva, amplo, entre a Vila Cincinato - antiga residência do governador e atual Escola Estadual Felipe Guerra - e a vila Pretória - residência do escritor seridoense Manoel Dantas.

A praça foi finalmente edificada na década de 1930, durante a gestão municipal do engenheiro Gentil Ferreira de Souza, que antes de iniciar as obras baixou o Ato nº 35, de 05 de março de 1936. O ato de remodelação dividiu ao meio o antigo e espaçoso terreno, sendo loteado e vendido uma das partes.

Finalmente, com parte do dinheiro arrecadado com a venda dos lotes, foi construída e embelezada a praça, depois de 36 anos de sua criação. A partir do dia 24 de outubro de 1937 foi inaugurada sem o monumento em homenagem ao patrono e ficou conhecida como a pracinha, na qual se encontrava quatro lagos artificiais de onde se retirava água para cuidar dos canteiros.

O monumento, no entanto, permaneceu no *Square* Pedro Velho, na Avenida Junqueira Ayres (hoje, Avenida Câmara Cascudo). Somente no ano de 1954, durante o governo de Sílvio Pedroza - sobrinho-neto de Pedro Velho -, o monumento foi transferido para a Praça, em Petrópolis.

A arborização era feita com



Inauguração do Palácio dos Esporte, 27 de dezembro de 1963

pés de fícus e outras árvores de grande porte. Também foram instalados parques infantis compostos de carrossel, balanços e trapézio. Compunham ainda a praça quadras de vôlei e basquete. No dia 27 de dezembro de 1963, o prefeito Djalma Maranhão inaugurou o Palácio dos Esportes, utilizando o espaço das antigas quadras.

Com a cassação do prefeito Agnelo Alves, em maio de 1969,

assume a prefeitura o vice-prefeito, Ernane Alves da Silveira, que governou até 15 de abril de 1971. O prefeito, informado da situação precária da praça, resolveu executar um novo projeto traçado pelos engenheiros da prefeitura. Logo que se deu publicidade sobre a existência do projeto surgiu na imprensa natalense a expressão "Praça Cívica", numa clara tentativa de substituir o nome da praça.



Segundo análise do professor Itamar de Souza, em seu livro *Nova História de Natal*, tal mudança se justificava da seguinte forma:

“Naquela época, o regime militar estava no auge. Os militares apelavam muito para o civismo, o amor à pátria, como forma de legitimar o seu poder. Eles cassaram os direitos políticos do então prefeito Agnelo Alves (...) afastando-o do cargo e colocou, no seu lugar, o vice, Ernani Alves da Silveira. Este governou a cidade sob a pressão dos militares. Sem dúvida, a expressão – “Praça Cívica” – foi resultante deste contexto político”.



Praça Pedro Velho - Setembro 1938

A opinião pública reagiu a tentativa de mudança do nome da praça, o que provocou uma declaração do então secretário de Serviços Urbanos, José Guará, no dia 10 de julho de 1969, afirmando que o nome oficial da praça permaneceria Pedro Velho, “numa justa homenagem ao grande homem público do nosso estado”.

Continua sua análise o professor Itamar de Souza: “Realmente, o nome antigo deste logradouro permaneceu. Apesar de pressionado pelos militares, o prefeito Ernani da Silveira nunca assinou um ato mudando o nome para Praça Cívica. Esta nova denominação foi, apenas, uma onda da imprensa, fazendo eco ao desejo dos militares”.

Durante seus mandatos na Câmara Municipal, a vereadora professora Eleika Bezerra iniciou uma luta na tentativa de sensibilizar os órgãos públicos e mesmo as empresas privadas para que a Praça Pedro Velho não perca o seu nome original e legítimo. Cabe a nós continuar o legado histórico e tradicional da Praça Pedro Velho!

O busto de Pedro Velho foi projeto Corbiniano Vilaça e executado em Paris pelo escultor Edmond Badoche. Há uma figura feminina que inclina para o homenageado um ramo votivo, representando a pátria norte-rio-grandense



CAROL PORTO
NOVAS
EMOÇÕES

A CANTORA NATALENSE
CAROL PORTO DECOLA
COM VOOS, TÍTULO DO SEU
PRIMEIRO EP

Por Tiana Costa | Fotos: Oxidany





O nome dela é Carol Porto. Publicitária de formação, cantora e compositora por amor, essa natalense serelepe, inquieta e talentosa não quer saber de aportar ou ancorar em nenhum porto. O foco dela é voar leve, livre. Soltar a voz e mostrar seu canto nos quatro cantos do mundo. E é nessa vibe que Carol lançou recentemente seu primeiro EP, intitulado VOOS, um trabalho com seis músicas autorais – quatro delas inéditas – disponível em todas as plataformas digitais.

As composições de VOOS falam sobre sentimentos e experiência vividos pela artista. “Essas músicas são frutos de um processo de amadurecimento pessoal. São resultados de experiências de relacionamentos com outras pessoas e comigo mesma” explica a artista. “A maioria das pessoas quando ouve meu trabalho diz ‘voa Carol, voa’. Isso me inspirou. Estou voando, tentando chegar no lugar mais alto que eu puder”. Carol representa tanto em suas letras quanto em suas produções, assinadas pela Joint e pelo músico Júlio Raposo, uma autenticidade e pluralidade em todas as canções, passeando entre os diversos ritmos e brasilidades: do Lo-fi e MPB ao POP e AXÉ.

Na fase de composição desse novo trabalho durante a pandemia, Carol tem consciência do processo de autoconhecimento vivido por ela. “Passei a me desapegar de algumas coisas, de algumas pessoas, de opiniões que não me acrescentam, do julgamento, do medo. Estou vivendo novas expe-

riências, amadurecendo, voando. Quero compartilhar com o mundo como foi e como está sendo esse processo. Dá um friozinho na barriga, mas me dá a certeza de que eu estou na direção certa”.

A história de Carol com a música vem desde pequenininha. Nascida em uma família extremamente musical, a primeira gravação foi aos 10 anos de idade, com a participação em um disco de músicas infantis. “Minha relação com a música é íntima e intensa. Ela sempre foi minha linguagem preferida. É meu jeito de me comunicar, sentir, entender e me expressar”.

Autodidata em violão e teclado, Carol Porto começou a compor aos 13 anos. 10 anos depois, em dezembro de 2020, viu seu sonho se realizar ao lançar em todas as plataformas de streaming uma música autoral. JÁ É TARDE, que faz parte do EP. Foi o seu primeiro single, com direito a videoclipe disponível em seu canal de YouTube. “Até então, conquistava o meu público com versões cover, postadas no YouTube e no meu perfil no Instagram”.

O segundo single, AXÉ – outra faixa do EP -, saiu em agosto de 2021, também acompanhado de um clipe bem produzido, alegre e cheio de energia. “A pandemia comprometeu, entre tantas coisas, o Carnaval e deixou foliões órfãos e saudosos. A música surgiu na tentativa de amenizar a saudade, com uma declaração de amor à festa mais popular do país. Em cada nota há a profusão de sentimentos e sensações que só o Carnaval evoca” diz a compositora/cantora que ama um carnaval.

Além de JÁ É TARDE e AXÉ, o EP conta com as seguinte faixas:

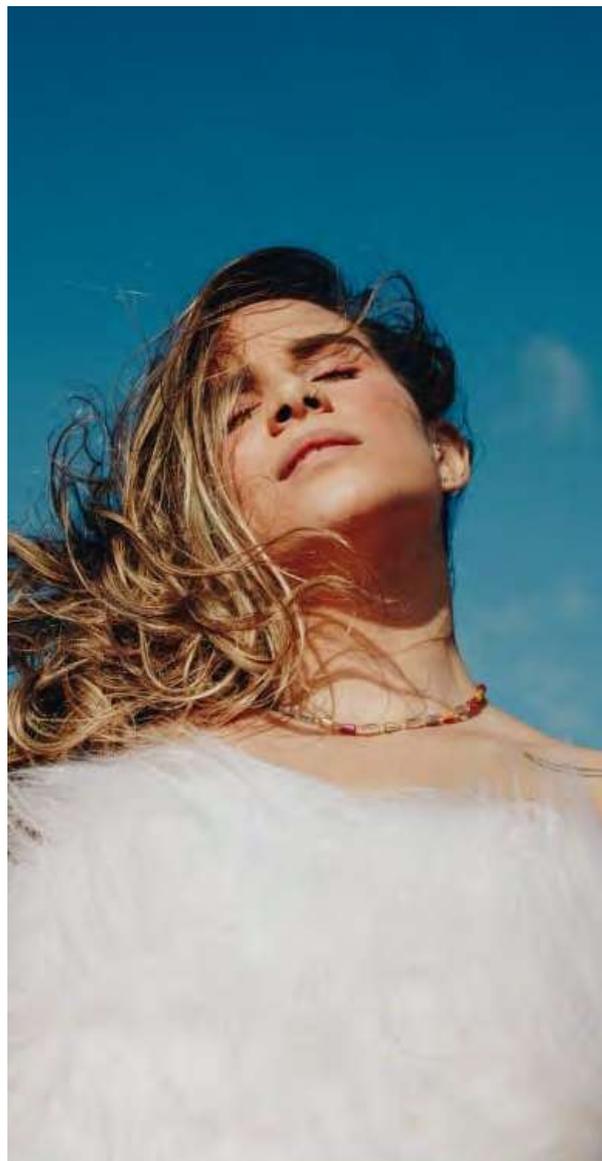
VOOS: Carro-chefe do EP que fala sobre ter segurança, autoconfiança e, acima de tudo, a autoestima da mulher.

DANÇA: a letra expressa o sentimento mágico que o ato de dançar provoca naquele primeiro encontro.

SIMETRIA: um desabafo maduro e consciente sobre saudade, nostalgia.

SORTE: a música trata da deliciosa fase do início de um relacionamento, independente da duração desse encontro.





AQUECENDO AS TURBINAS

Além do lançamento do EP, Carol Porto segue seu voo eufórica com novas conquistas: os convites para participar de dois festivais - DoSol e Bloquíssimo. O festival DoSol é um evento musical que contempla bandas e cantores do Rio Grande do Norte, com participação de artistas de outros estados. O festival acontece em janeiro de 2022 e comple-

ta 20 anos de existência.

O Festival Bloquíssimo realizará sua segunda edição nos dias 11 e 12 de fevereiro. Trata-se de um festival inclusivo, democrático e colorido, cujo foco é celebrar as cores da diversidade com muito respeito. “O lançamento deste EP é a concretização de um sonho. A participação nos Festivais DoSol e Bloquíssimo é mais

um grande sonho que se realiza. Subir no palco de eventos consagrados e apresentar dessa maneira sublime, cara a cara com o público, toda a energia e alegria que investi em tudo que faço. É indescritível tudo que sinto. Esses shows vão representar um trampolim para tudo que ainda está por vir” comemora.

Voa alto, Carol!





ESTEVÃO LÚCIO

Sobrevivente da covid

O ARQUITETO ESTEVÃO LÚCIO PODE CONTAR QUE SE DEPAROU COM A MORTE, TRAVOU INTENSA LUTA CONTRA A IMPIEDOSA MISSÃO DE LEVÁ-LO, LUTOU COMO UM TITÃ, SAIU-SE VITORIOSO E RESSIGNIFICOU A VIDA

Por Aura Mazda | Fotos: Cícero Oliveira

Em fevereiro de 2021, o prestigiado arquiteto potiguar Estevão Lúcio deu entrada no Hospital São Lucas, em Natal, com sintomas de covid-19. Foi encaminhado para um apartamento, diante da manifestação leve da infecção provocada pelo chamado novo coronavírus. Não imaginava ele que aquela seria a sua última memória antes de despertar mais de um mês depois.

No período em que esteve desacordado, o quadro de saúde piorou drasticamente e ele foi intubado em uma UTI. Iniciou-se uma via crucis. Infartou, teve insuficiência renal e chegou a “bater na porta do céu” antes de recobrar a consciência e ser testemunha do “milagre” que foi a sua sobrevivência.

“Depois que a covid me pegou, me derrubou e apagou temporariamente a minha consciência, renasci inteiro para a vida que me atrai, me segura e me mantém ainda mais apaixonado pelos dias, pelos amigos, familiares, pela sim-

plicidade do cotidiano. Na realidade não lembro, nos dias de internamento, da intubação, do coma e ressuscitamentos, de ter sentido dores, sofrimento, medos”, conta.

Quando o arquiteto ouviu rumores sobre a nova doença que vinha da China, em março do ano passado, seguiu à risca os cuidados orientados pela Organização Mundial de Saúde: isolou-se na sua charmosa residência, em Candelária, de onde não saiu nos meses seguintes. Adotou todos os cuidados possíveis. A pandemia alterou a rotina do arquiteto, que usou parte do tempo de isolamento social para ler, cuidar da pequena horta que cultiva no terraço e cozinhar, sua grande paixão de vida.

Em fevereiro deste ano, contaminou-se, sem saber como, quando ou onde. Por ter uma vida com hábitos saudáveis, alimentação orgânica e macrobiótica, não acreditava que o caso fosse agravar-se. Quando menos esperou, estava com febre e a saturação sanguínea

abaixo de 90, limite considerado tolerável. Por precaução, foi ao hospital. Dias depois, foi dado como “caso” perdido pelos profissionais de saúde. Em uma semana perdeu 20 quilos.

Após acordar da intubação e receber alta hospitalar, em 9 de março último, não sabia onde estava nem a travessia que fez pelo vale da morte. “Quando despertei, senti as incertezas e inseguranças de um corpo frágil. Quando me vi no espelho, já fora do hospital, não me reconheci, mesmo assim sorri pra mim e agradei, enquanto pensava: “Seria eu ainda o que era antes?”.

Com uma recuperação gradativa, e recebendo assistência de saúde multidisciplinar para se restabelecer completamente,

Estevão Lúcio volta aos poucos a retomar a rotina em casa, onde gosta de receber os amigos. Aos irmãos camaradas e bons companheiros, credita todo o sucesso de sua recuperação. Ao receber alta, instalou-se no apartamento da amiga Selma, em Areia Preta. Lá, permaneceu pelos próximos três meses em *home care*, sendo assistido por um cuidador e pelos amigos Eduardo Mendonça e Vivianne Loureiro.

Na voltar ao médico, com a ajuda de duas bengalas, viu o profissional em lágrimas pelo milagre testemunhado. Dos cinco pacientes com covid que deram entrada na UTI naquele dia no hospital, apenas Estevão sobreviveu. “Para os médicos, foi algo surpreendente”.

“Quando despertei, senti as incertezas e inseguranças de um corpo frágil. Quando me vi no espelho, já fora do hospital, não me reconheci, mesmo assim sorri pra mim e agradei, enquanto pensava: “Seria eu ainda o que era antes?”.”



Conversa com a repórter Aura Mazda



LIÇÕES DE UM SOBREVIVENTE

Sobreviver à covid fez Estevão Lúcio ressignificar muitos valores e o mais forte dele foi a importância dos muitos amigos que o cercam. “Ressignifiquei a vida, os valores, o modo de enxergar tudo à minha volta. O melhor é viver em estado de poesia”, celebra o arquiteto. Ele também aprendeu que o corpo humano quando é bem amado e cuidado, “faz milagres”. No seu coração, reserva o sentimento de gratidão aos profissionais da enfermagem

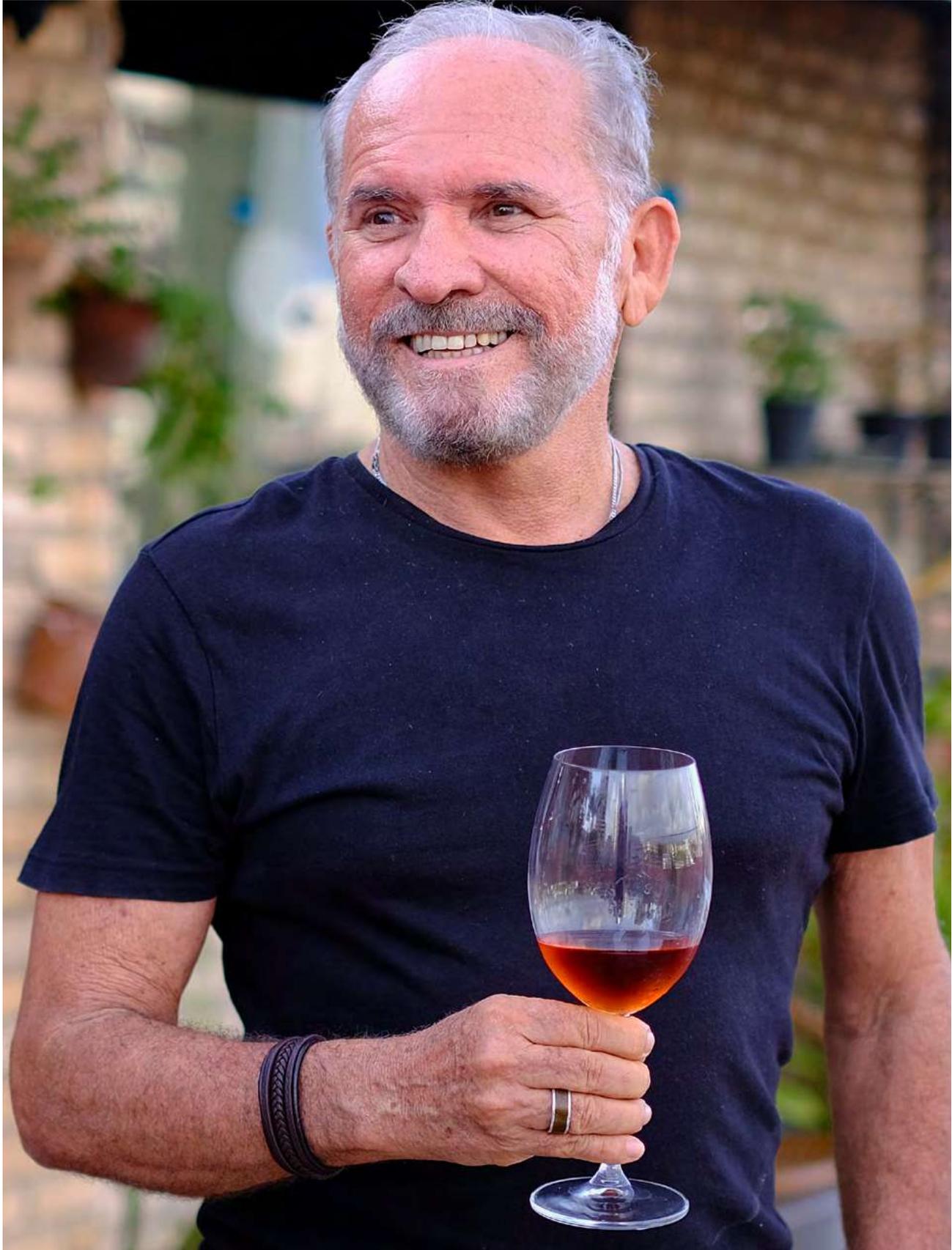
e fisioterapeutas, a quem chama de missionários.

“Uma das grandes lições foi ver a bondade na maioria das pessoas, ao contrário do que muitas pessoas dizem que o mundo não presta. Eu testemunhei a bondade”, declara com firmeza.

Antes de ser contaminado com covid, Estevão transformou a sua visão sobre a arquitetura. Meses de confinamento o levou a questionar pontos como iluminação natural, ergonomia dos mó-

veis e percepção do espaço. “Até o meu ato de projetar mudou a partir daí. A minha visão de uma casa mais funcional e aberta aproveitando o ar e o sol”.

Estevão Lúcio chegou aos 65 anos sendo protagonista da sua própria história. Depois do drama vivido, ele acredita que “os ombros suportam o mundo”, e como recitou Carlos Drummond de Andrade: “Chegou um tempo em que a vida é uma ordem, a vida apenas, sem mistificação”.



UM PARAIBANO DE ALMA POTIGUAR

Paraibano natural de São Bento da Paraíba, Estevão Lúcio veio morar em Natal para cursar Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em 1974. Filho de Milton Lúcio e Maria Dulce, ele não quis seguir a carreira política do pai, à época prefeito de São Bento. A alma criativa e desbravadora o trouxe até à chamada cidade do sol, capital potiguar. Foi nas salas da Universidade que fez amigos e construiu a carreira que o levou ao reconhecimento público.

Na arquitetura, interessou-se pelo tema da acessibilidade, que daria origem à sua tese de conclusão de curso, no começo dos anos 80. Na época, o tema foi recusado por um professor. Foi quando a arquiteta Amadja Henrique Borges chegou da França, viu a tese e afirmou que o tema estava em todos os holofotes de discussão nos países mais avançados. “Por causa disso, deixei a universidade, com desgosto. Voltei um ano depois e tirei 10 com louvor”, recorda em tom de celebração.

Longe dos muros da universidade, foi descoberto pela então prefeita Wilma de Faria, enquanto dava uma entrevista para a TV Universitária, sobre acessibilidade. Não demorou e recebeu convite da gestora para comandar o Instituto de Planejamento de Natal (Iplanat), atualmente Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo de Natal (Semurb).



“Jamais imaginei que seria funcionário público na vida. Ela me disse que assistiu a minha entrevista e disse que eu era o idealista que ela precisava”, confessa.

Ele aceitou o convite começou a atuar como coordenador-geral do Movimento de Integração e Promoção Social. Três dias depois de assumir o cargo, enviou projetos para Brasília e todos foram aprovados. No Governo Wilma, que também foi governadora do RN, ficou muitos anos. Por ela, nutre os sentimentos de carinho e gratidão.

Um dos últimos cargos que ocupou foi na coordenação das unidades de conservação no Ins-

tituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte (Idema). “Foi um trabalho muito bonito, graças a Eugênio Cunha, com uma visão avançada”.

Décadas após sair da Paraíba, ainda guarda na memória o som dos teares tecendo redes em São Bento e o sentimento de força para trabalhar. “São lembranças que levo para sempre, de uma infância muito saudável e feliz”.

Parabéns pela vida, grande Estevão! E vida longa com muitos brindes e a doçura do seu bichano lindo! Adorei entrevistá-lo. Aliás, do bate-papo gostoso. Com você não se entrevista. Prosa-se.



GINGA COM TAPIOCA

O PRATO TÍPICO DE NATAL

Combinação deliciosa criada por pescadores que aproveitavam os peixes miúdos presos na rede de arrasto que não serviam para comercialização

Por Tiana Costa

Fotos: Francisco José de Oliveira

FÁCIL DE PREPARAR, BONITO de ver e impossível não degustar. A “Gíngua com tapioca” é um prato genuinamente natalense, patrimônio cultural do Estado e um verdadeiro convite ao pecado da gula. Dez entre dez norte-rio-grandenses apreciam a iguaria que vem conquistando o paladar de turistas brasileiros e estrangeiros durante décadas.

O Mercado Público da Redinha, praia do litoral norte de Natal, é o ponto tradicional da gíngua com tapioca. Lá encontramos dona Ivanize Januário Barbosa, 66 anos, comerciante do mercado há 40 anos. Nessas quatro décadas, a nativa da praia da Redinha prepara com amor e dedicação o prato que, segundo ela, foi criado pelos pais há mais de 50 anos.

“A ginga com tapioca tem grande significado na minha vida. É uma tradição na minha família, vinda de meu pai, minha mãe, que foram um dos primeiros que inventaram esse prato. É uma tradição que a gente não pode deixar se perder. Faço com maior prazer, faço com amor”, discorre a cozinheira.

Peixe miúdo, a Ginga é semelhante à Manjubinha, pescado na praia da Redinha por nativos. “Mas ela chega até a gente por meio de atravessadores”, explica Ivanize. “Em dezembro, comprei a R\$ 10,00 o quilo, do jeito que chegou. A gente ainda paga ao pessoal para tratar o peixe”.

Apesar de toda tradição e importância que a combinação deliciosa tem para a história da cidade, os comerciantes lamentam que poucos turistas aparecem para apreciar a iguaria com uma cerveja bem gelada, desfrutando do lindo visual da praia. “O bugueiro (condutor do carro de passeio bugue) não traz o turista para o Mercado da Redinha. O turista não tem conhecimento sobre a existência da ginga com tapioca, eles não sabem que a tradição se concentra aqui. Os bugueiros não falam, nem passam por aqui. Mas quando alguém traz um turista aqui, eles ficam loucos”, relata Ivanize.

Informa que o turista que aparece tomou conhecimento pela internet, por indicação ou é levado por moradores da cidade. “Grande parte da minha clientela é formada pelo pessoal aqui da Redinha. O turista quando aparece é trazido por pessoas de Natal. E até hoje só recebi elogios”.

Ivanize conta orgulhosa sobre a matéria publicada na revista *Veja* que elegeu sua harmonização da ginga com tapioca a melhor do mercado. “A repórter de São Paulo que veio aqui fazer a matéria me ligou e disse que vai mandar uma placa pra mim, pois a minha tapioca foi eleita a melhor”.



No Mercado da Redinha, consome-se peixe sempre fresco

Ginga e tapioca com coco do Seu Pernambuco

Outro ponto famoso para saborear a ginga com tapioca é a barraca do Seu Pernambuco, no Canto do Mangue, bairro das Rocas, em Natal. Aos 87 anos, Edson Ferreira Machado, natural de Goiana, Pernambuco, escolheu Natal como sua cidade e há 55 anos comercializa o peixe em um quiosque no centro da praça. Antes, dono de um barco, teve a pesca como atividade principal.

Ao contrário dos comerciantes do Mercado da Redinha, o quiosque de seu Pernambuco recebe muitos turistas e pessoas da cidade. “O povo vê na internet e vem bater aqui. É tanta gente que às vezes não dou vencimento”, conta. No quiosque, o cliente tem o privilégio de degustar a iguaria e apreciar um dos mais belos pores-dosol da cidade de frente para o belo Rio Potengi.



Seu Pernambuco: desenvoltura também na cozinha



Vida longa e viril unicamente com peixe e tapioca

Apesar da idade avançada, Seu Pernambuco se orgulha de dizer que nunca fecha seu quiosque e praticamente trabalha sozinho. “Acordo às quatro horas da manhã, me levanto e chego aqui às 6h. Fico até às 8, 9 horas da noite. Faço tudo sozinho”. E qual a receita para tanta vitalidade? Responde sem pestanejar: “Não como carne, não como galeto. Só como peixe com tapioca. Mais de 50 anos que só como isso. A tapioca tem o suco da mandioca e o peixe é rico em tudo”, diz com a sabedoria adquirida na experiência de vida. E garante que a virilidade nunca o abandonou. É pai de um menino de nove anos do atual casamento.





Estátua do Pescador, símbolo da praia da Redinha

Curiosidade

O valor nutritivo da ginga com tapioca foi alvo de estudo do Departamento de Nutrição da UFRN. De acordo com a pesquisa, a iguaria é rica em proteínas e carboidratos. Mas, alerta, deve ser apreciada com moderação, pois é alto o seu valor calórico, entre 500 a 600 calorias.

Passo-a-passo:

Depois de tratada, a ginga deve ser bem lavada e tempera com sal a gosto. O palito de palha de coqueiro devidamente limpo serve de espeto.

Coloca o dendê na assadeira, quando ferver, passa os peixinhos espetados na farinha de mandioca e coloca para fritar.

A tapioca não tem segredo: sal na goma peneirada, leva à assadeira e recheia com o coco ralado.





O CAPITÃO DO minério potiguar

Personagem lendário e cheio de causos, Raul Capitão ficou milionário do dia para a noite, criou uma onça, foi condenado a 26 anos de prisão por assassinato e conseguiu acabar com a fortuna, então, incalculável

Por Alice Lima
Fotos: Arquivo



Da esquerda para direita:
Severino Capitão
(irmão de Raul), jornalistas
americanos e Raul

POUCOS PERSONAGENS DA FICÇÃO

têm tantas histórias quanto Raul Capitão. São passagens por várias áreas, desde a fortuna que surgiu em um passe de mágica com a mineração até os contos que mais parecem literatura de cordel, pelas características tão inusitadas e reconhecidamente nordestinas. São partes que compõem a biografia de um agricultor potiguar que se tornou um dos homens mais ricos da história do Rio Grande do Norte.

O capitão nasceu Raul Pereira da Silva. Filho de agricultores de Lajes, interior do Estado, aprendeu apenas a ler, escrever e fazer contas simples. O apelido que o identificou foi passado de geração em geração da família. É filho do segundo casamento de seu pai, Joaquim Capitão, que, por sua vez, casou com a cunhada quando ficou viúvo. A jovem foi ajudar a cuidar dos sobrinhos e “para que não ficasse falada” virou a esposa do dono da casa. Um dos irmãos de Raul foi cangaceiro do bando de Antônio Silvino, apelidado de “Rifle de Ouro”.

Raul cresceu em Lajes, casou com Maria Pereira Lopes e teve dez filhos frutos do matrimônio. Sobre o número total, há controvérsias. Seu neto Romero Capitão conta que o avô garantia ter 56 filhos, mas a família acredita que o cálculo não passava de uma brincadeira e, reconhecidos, são 15 herdeiros.

A família levava uma vida simples na cidade. Raul, famoso pela honestidade e avidez, tornou-se gerente da fazenda Amarante, que pertencia a Gonzaga Galvão, onde trabalhou por 18 anos. Foi nesse período que comprou a fazenda Bonfim, lugar do qual anos depois sairia toda a sua fortuna.



Casa da Fazenda Amarante, onde a família vivia antes da fortuna



Banquetas de extração da scheelita

Da noite pro dia, a fortuna

A compra da Bonfim foi um golpe de sorte e fé no destino. Quando comprou a terra, Capitão, homem de grande segurança em seus atos e tino certo, acreditava nos rumores de que no local existia minério. Em uma de suas buscas – para muitos em vão – encontrou uma pedra diferente, no ano de 1967.

O homem do campo não pensou duas vezes. Desviou o dinheiro da feira da família e foi para Natal saber se existia algum valor na descoberta. Daí em diante, a ascensão financeira se deu na velocidade da luz.

A pedra era a scheelita, minério que dá liga ao ferro. Foi bem na época de descobertas de minérios nas cidades de Lajes e Currais Novos. Novos ricos surgiram, mas, segundo contam, nenhum ficou tão famoso quanto o ex-agricultor. Dizem que a média era de 45 toneladas do minério por semana que saíam de Lajes.

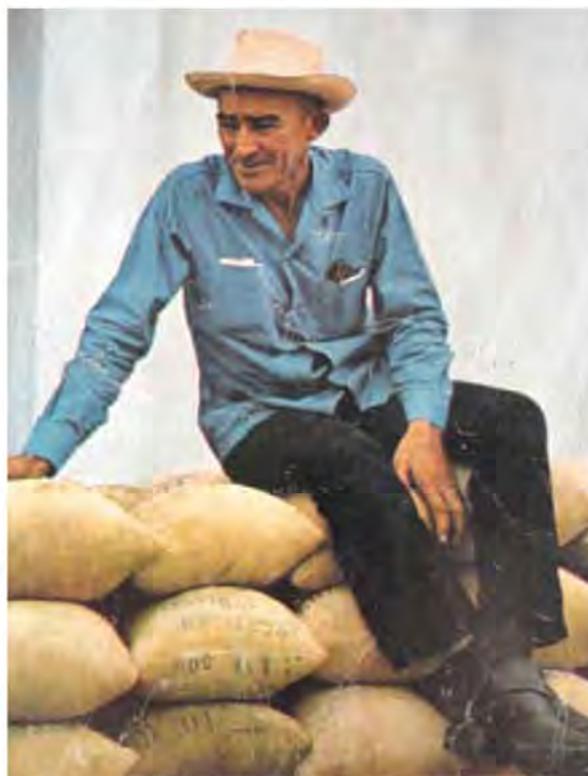
Ele passou a vender o minério para Alonso Bezerra, que era exportador. Ninguém da família consegue precisar quanto dinheiro Raul ganhou, uma fortuna incontável. Comprou muitas terras – todas potiguares –, construiu casas e cometeu diversas extravagâncias, sem limites de gastos. Para os filhos que quiseram estudar, patrocinou boas escolas e moradia na capital. Três meninas foram internas da Escola Doméstica e uma delas chegou a se graduar em Geologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e hoje é professora no Pará.

“Meu pai comprou tanta terra que era possível andar de Lajes a São Tomé passando apenas por propriedade dele, mas a relação com a família nunca mudou”, lembrou Maria de Fátima. A filha lembra, no entanto, que mantiveram os mesmos hábitos simples de outrora, continuaram no mesmo lar da Bonfim e com a casa no centro da cidade.

Embora com o bolso cheio, o jeito de se vestir e de se comportar conservou todas as marcas do passado pobre. Sempre andou com chapéu e um conjunto de calça e camisa de botão. O traje só mudava na hora do banho de açude, quando vestia uma bermuda e calçava os tênis “Conga”. Raul também continuou como um homem de poucas palavras e só se soltava quando bebia.



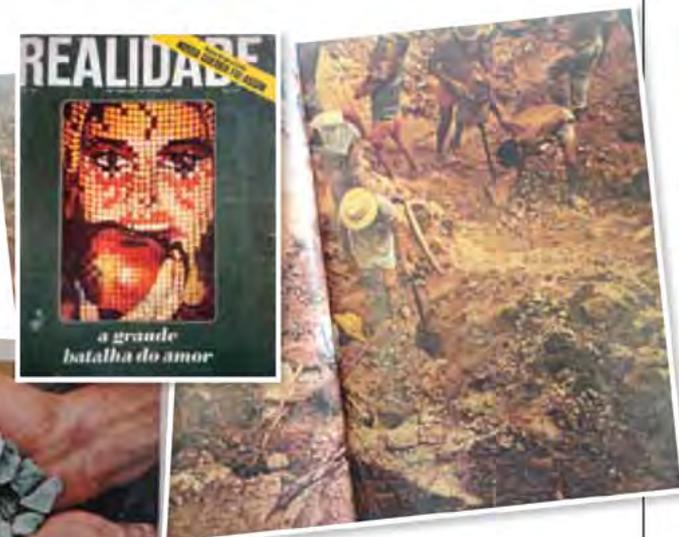
Raul Capitão acompanha mais um dia de garimpo na fazenda Bonfim



Raul costumava ficar sentado em cima dos sacos de scheelita. Aos 78 anos morreu após acabar com maior parte da fortuna, mas sem débitos financeiros

As casas construídas em Lajes são famosas pela resistência e pelo tamanho. Construídas para a eternidade. Chegou a ser residência de prefeito do município e até hoje são pontos de destaque na cidade.

A exploração da scheelita era feita em conjunto. Quem se interessasse pelo trabalho recebia uma banqueta e depois prestava contas. A hora do pagamento era um grande acontecimento. Chegavam sacas de dinheiro, que era distribuído na fazenda Bonfim, aos olhos de todos. Nada ficava para depois, tudo era pago imediatamente pela família. O sobrinho chamado Jalmir Pereira ajudava na contabilidade. A ida de uma agência do Bandern para a cidade teve ligação direta com Capitão. Tanto dinheiro brotava do município que ele merecia um banco. E assim se fez.



A fortuna gerada pela scheelita no RN atraiu a revista Realidade, de circulação nacional na década de 60. Raul foi o grande personagem da matéria e, com a sua personalidade forte, esclareceu até os "mandamentos do garimpo"

Os mandamentos do garimpo

Antes de garimpear há algumas regras básicas a serem seguidas em cada etapa do trabalho. São elas: não beber álcool, não fumar, não usar drogas, não usar roupas de cor clara, não usar roupas de marca, não usar roupas de tecido sintético, não usar roupas de tecido fino, não usar roupas de tecido grosso, não usar roupas de tecido leve, não usar roupas de tecido pesado, não usar roupas de tecido macio, não usar roupas de tecido duro, não usar roupas de tecido mole, não usar roupas de tecido grosso, não usar roupas de tecido fino, não usar roupas de tecido leve, não usar roupas de tecido pesado, não usar roupas de tecido macio, não usar roupas de tecido duro, não usar roupas de tecido mole.

No fim Grande do Norte, uma fazenda de garimpo, uma cidade vive de uma mina por causa da scheelita (pronuncia-se uma pedra cinzenta, pesada e valiosa. Dá para fazer o tungstênio, graças a ela os homens vivem e o País poupa divisas. O rei Roberto Müller Filho e o fotógrafo Jean acompanharam os momentos desta aurífera aventura que começou com um

DISPAROU



Mitos x verdades

Pelos excessos que cometia, muitas histórias atribuídas a Raul não passam de lendas, de acordo com a família. Outras, que parecem lendas, garantem que são reais.



A onça:

Dizem que Capitão criava uma onça para prender pessoas em sua jaula como castigo. Na verdade, ele era apaixonado por bichos. Um dia foi a um circo e viu três animais passando fome: uma onça, um urubu-rei e um veado. Não pensou duas vezes e levou-os para casa, onde foram cuidados até o fim. O felino, que não tinha nome, era o grande sucesso. Raul adaptou um automóvel e constantemente o levava para passear pela cidade. Não há registros de ninguém ferido pelo animal, que era considerado bastante manso, por incrível que pareça.

Queimava dinheiro:

Falam que homem era tão rico que queimava dinheiro por brincadeira. Ele gostava muito do que a condição financeira poderia proporcionar de prazer na vida e não o desperdiçaria. Pelo contrário, aproveitou todas as notas com afinco. Os sacos, aos montes, eram vistos nos dias de pagamento, mas iam direto para os bolsos dos garimpeiros, aos sábados, além da sua própria conta bancária, claro.



O pagador de contas:

Pelo menos uma de seus principais fomas segue à risca. Quando chegava aos bares e serestas, pagava a conta de todos os presentes e mandava o dono avisar: “A quem perguntar, diga que Raul Capitão já passou e pagou”. Não foi autor de obras sociais, de certo nem as conhecia, porém é famoso por pagar as contas, principalmente de alimentos, de pessoas pobres. “Tá com fome? Vá lá no mercado, compre comida e diga que o Capitão quem mandou”.



Pavio curto:

Raul tem algo que lembra o famoso “Seu Lungá”. Curto e grosso. Em seu último lar, na granja da BR-304, ele gostava da mesa de jantar encostada à parede e sempre sentava na mesma cadeira. Todos os dias, na hora da refeição, pela aproximação, o braço batia na parede. Ao notar a cena repetitiva, um filho comentou que seria melhor afastar a mesa. Imediatamente, o patriarca respondeu: “Ninguém mexe na mesa, vou mandar abrir um buraco na parede”. No outro dia, estava lá o espaço mantido até hoje. História contada e comprovada pelo neto Romero.

Exímio atirador:

O minerador atirava como ninguém. Mesmo nos últimos anos de vida, praticava o tiro ao alvo. Os netos garantem que ele pedia ao motorista para segurar uma espinha de peixe na boca e atirava certo, sem nunca ter errado aquele alvo.



A atração pelo inusitado

Não sai da memória de Romero o gosto do avô pelo que surpreendia os sentidos. “Uma vez saímos atrás de uma feira em São Paulo do Potengi porque contaram ao meu avô que lá tinha um galo que pesava 5kg”, lembrou o neto. E era nossas horas que dinheiro para ele valia a pena. Pagava qualquer preço.

Outra história interessante que envolve seus gostos surpreendentes e a personalidade imediatista e firme aconteceu na compra de um quadro. Um dia, Raul chegou a um bar e viu o quadro de uma pantera na parede. Lembrou-se de seu bicho de estimação preferido – a onça sem nome – e quis levá-lo para casa, mas foi desafiado pelo dono do bar. O comerciante disse que o dinheiro do capitão não compraria a peça.

Foi aí que o ex-agricultor ficou “brabo”, como se diz no Nordeste, mandou abrir o banco e disse que tiraria o dinheiro “todinho, ficava liso”, mas queria o quadro. O resultado é que não se sabe quanto pagou, com certeza muito, mas botou a tela de gosto duvidoso debaixo do braço, o chapéu na cabeça e, como um troféu, o levou para casa. Hoje, é uma relíquia da família que, de fato, carrega um valor que transcende o material.

“Desafiar o meu avô chegava a ser engraçado, era a certeza de que ele faria algo para superar. Um dia cheguei mostrando que comprei um veado que andava com um macaquinho nas costas. Horas depois ele comprou um carneiro que carregava a carroça”, lembrou Romero. Raul tinha o hábito de chamar os próximos de “compadre”, mesmo que fossem os netos, filhos ou irmãos.

Também eram do rico minerador os melhores cavalos da região. Mané Aroeira e Tibimba ficaram famosos nas vaquejadas, num tempo em que os prêmios não passavam de troféus e do reconhecimento pela bravura do vaqueiro.

Raul soube da existência de oito bois treinados que montavam na carroça sozinhos. Onde eles foram parar, é fácil de imaginar. Na fazenda Bonfim.



Bode de raça rara chegou ao RN, direto de Fernando de Noronha, trazido por Raul Capitão em avião fretado

As desgraças:

alcoolismo, falência e condenação por assassinato

Para uma vida de excessos, as consequências às vezes tardam, mas aparecem. E com Raul não foi diferente. Em primeiro lugar, a saúde. A bebida o levou ao vício e o alcoolismo tomou conta por volta dos seus 55 anos. Começava a beber religiosamente às 10h e só parava às 17h, quando ia dormir. Nesse intervalo, deixava de fazer negócios e multiplicar a fortuna para ir ao bar. A bebida escolhida variava com o período. Passeava pelo vinho, cerveja e uísque, em uma lógica só dele. Pela personalidade forte, a família nunca ousou interferir, pois não adiantaria. Nesse ritmo, quando ficou mais velho, precisou enfrentar a vida com o mal de Parkinson.

Aliada ao mal da bebida, viu a schelita se desvalorizar e perdeu toda a produção de algodão da fazenda Ingá, na cidade de São Tomé. A “praga do bicudo”, besouro de origem africana, dizimou plantações do Rio Grande do Norte no início dos anos 80. Foi a derrocada financeira da família. Restaram terras e casas em Lajes, Natal e Paranamirim, mas o tempo da conta bancária sem limites dava adeus.

Por fim, o amor e o ciúme destruidores. Entre casos extraconjugais sem importância, Raul se apaixonou perdidamente por Valda, o que, de acordo com a família, foi a sua grande desgraça. O único período em que se afastou dos seus, pois ela morava em Natal. A ela, deu carro, casa e a paixão descontrolada.

Desconfiado de que a amante estaria com outro namorado, Raul saiu armado para matá-lo. O alvo era Ivan Cardoso de Carvalho, pai do deputado estadual Gustavo Carvalho (Pros-RN). Alcoolizado, ao chegar à cidade de Poço Branco, mirou naquele que considerava rival, mas atingiu o colega Paulinho Baé, que ficou entre os dois e morreu na hora.

Raul contou à família e se entregou à polícia poucos dias depois. Sempre assumiu a culpa, mesmo com orientações iniciais para que a atribuísse aos capangas. O destino do homem foi a Penitenciária João Chaves, hoje desativada, que ficou conhecida como “Caldeirão do Diabo”.

O desembargador aposentado Caio Alencar, na época promotor do caso, lembra o dia marcante do julgamento. “Foi um crime que despertou a curiosidade de muita gente. O júri estava completamente lotado. O advogado de defesa era Cortez Pereira e o juiz Sá-bato Barbosa”, recordou Alencar.

O réu foi condenado a 26 anos de prisão. “Na João Chaves, papai fez amizade com a família Carneiro e Joca de Sininha, mas ele não ficava na cela, vivia passeando, inclusive do lado de fora. Saía pra passar o final de semana na fazenda e acabou não voltando mais”, lembra a filha Maria de Fátima, que por um ano levou o café da manhã ao pai todos os dias. Reza a lenda que foi maltratado pelo famoso bandido à época chamado “Brinquedo do Cão”.

Foi com o crime que Raul terminou a fortuna. Saiu distribuindo o dinheiro com todos os que pudessem facilitar a sua saída da prisão, de forma oficial e às escondidas. Foi na chácara em Parnamirim, onde atualmente mora parte dos filhos, que ele passou os últimos dias, e não no presídio no qual deveria cumprir sua pena em regime fechado.

E, como as mortes mais poéticas, o homem lendário, que explorou a vida em todas as suas formas, morreu dormindo, aos 78 anos, sem alardes, cenas de barbárie ou de vingança as quais se esperam do fim de um preso condenado pela Justiça. Quem sabe é esse o último dos paradoxos de Raul Capitão, a lenda, que fugiu do padrão até no último adeus.



Maria de Fátima, uma das filhas de Raul Capitão



A esposa Maria, o filho Ernani e Raul

A relação com a esposa...

Maria era daquelas mulheres típicas do interior de tempos passados, criadas para casar e ter filhos. Daquelas que as músicas de Chico Buarque descrevem bem: uma Amélia, que todo dia fazia tudo sempre igual. Foi uma grande companheira e tudo fez pelo seu Capitão. Não se deslumbrou com o dinheiro, cuidou dos filhos e teve uma vida triste, como lembra Maria de Fátima. “Mamãe morreu triste, vítima de câncer, aos 64 anos”.

Desde o surgimento de Valda, Raul e Maria viam apenas debaixo do mesmo teto, mas já não tinham relação de marido e mulher. Mesmo assim, os filhos lembram que ouviram uma discussão entre os dois. Apesar de tudo, o clima era de respeito e paz.

... e o destino de Valda

Procurada pela Revista BZZZ, Valda não quis falar sobre o assunto. Tornou-se evangélica e prefere não lembrar do que considera erros do passado. Para a família de Raul, as mágoas permaneceram e nunca quiseram contato com ela.

Após a condenação, Raul ainda continuou a encontrá-la, quando recebia suas visitas na prisão. Em uma das ocasiões, foi flagrada por duas das filhas-capitães e, por pouco, não protagonizaram cenas de agressão.

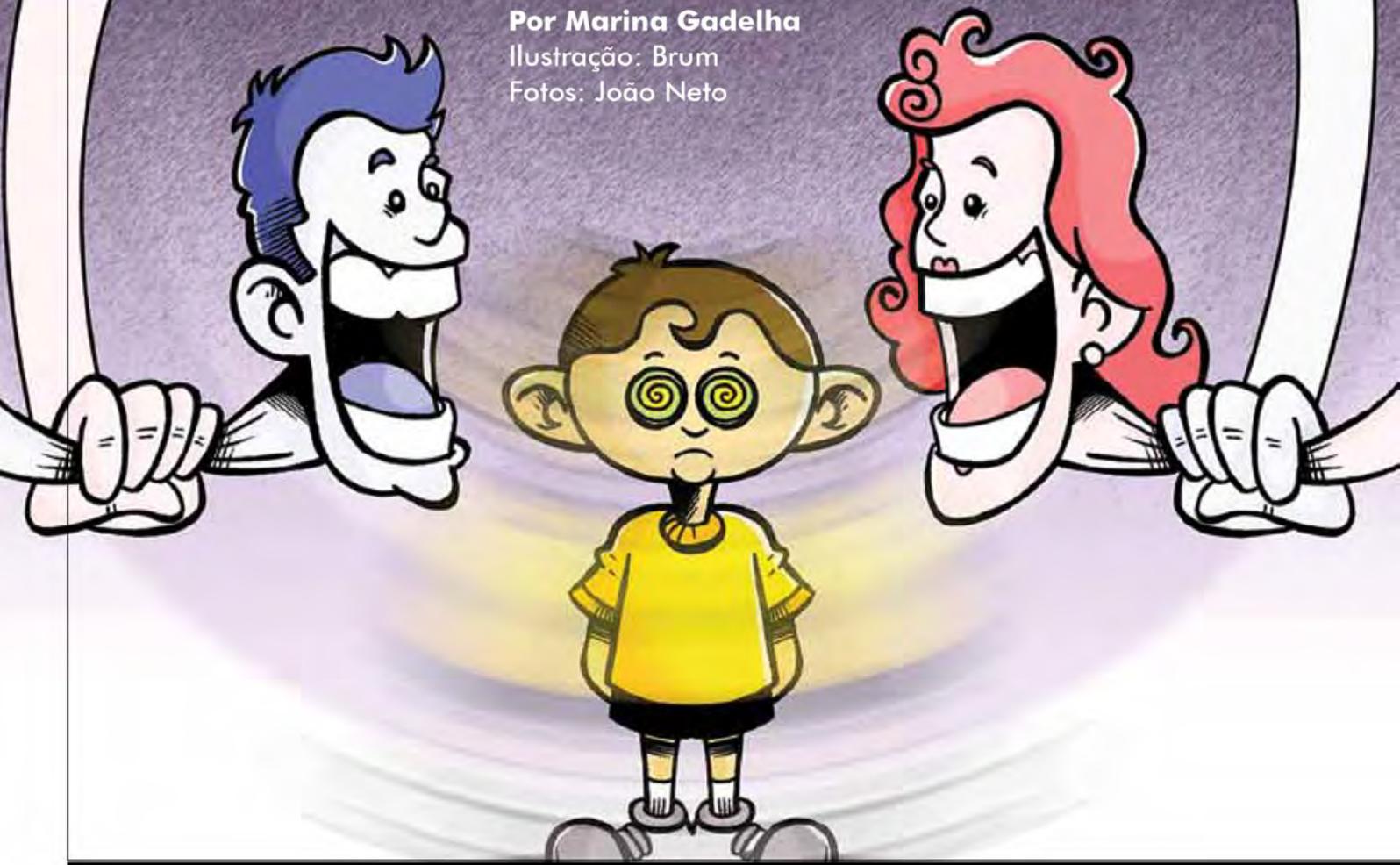
Laços desfeitos

Alienação parental destrói relação de pais e filhos e causa danos psicológicos nas crianças que são usadas como instrumentos de vingança

Por Marina Gadelha

Ilustração: Brum

Fotos: João Neto



“**COM O POUCO DINHEIRO** que seu pai nos dá, não posso comprar isso”. “Sua mãe não veio à apresentação da escola porque não gosta mais de você”. Esses são exemplos de comentários considerados normais e até inofensivos após o divórcio, mas que podem desencadear uma série de ações propositais de quem possui a guarda do filho com vista em denegrir a imagem do outro genitor junto à criança. Muitos podem não saber, mas essa prática comum, chamada de alienação parental, tem punição prevista em lei para o pai ou a mãe que se utiliza do filho para atingir o outro e, de alguma forma, dificultar o convívio familiar. O mais grave desse problema, contudo, é o impacto psicológico provocado na criança que fica em meio a um campo de batalha e se vê forçada a defender um lado, mesmo que sua vontade seja viver em paz com ambas as partes.

A alienação parental não é feita apenas entre mãe e pai, mas também pode atingir avós, tios, ou outros membros da família impedidos pelo detentor da guarda de participar da vida da criança. No entanto, vale salientar que nem tudo caracteriza essa infração, conforme explica a advogada e psicóloga carioca Alexandra Ullmann, referência nacional no assunto. “Hoje em dia, qualquer ato passa a ser visto como de alienação parental. Uma atitude isolada não caracteriza o problema, e sim um conjunto de acontecimentos”, afirma. Ou seja, o alienador, como é chamado o infrator, lança mão de diversos artifícios para fazer com que a criança ou o adolescente repudie o parente, seja por

meio de comentários negativos ou mesmo omitindo informações importantes da vida do filho para prejudicar a manutenção de vínculos.

Por exemplo, o alienador deixa de avisar ao outro genitor que haverá um compromisso na escola da criança e mente para esta, dizendo que o pai ou a mãe não compareceu porque não quis. Ao receber ligações, o responsável também impede o contato telefônico, o que tende a se estender para as visitas pessoais. “Dessa forma, o filho vai acabar achando que o familiar é ruim porque não dá dinheiro, não gosta dele, ou pela ausência em momentos fundamentais”, detalha Alexandra. A situação é ainda mais grave quando o cuidador, por pura vingança, denuncia falsamente o ex-companheiro de abuso sexual contra o menor, o que acarreta em consequências dolorosas para todos os envolvidos.



A advogada e psicóloga Alexandra Ullmann alerta que nem todo conflito pode ser considerado alienação parental

Convivência interrompida

Esse é o caso de José da Silva*, pai de três filhos, que após 20 anos de casamento separou-se da mulher e hoje em dia enfrenta uma batalha na justiça para ter contato com a filha mais nova, atualmente com 10 anos. Em 2009, a ex-esposa o acusou de abuso sexual contra a menina sem qualquer prova contundente e, com essa justificativa, começou a impedir que ele se aproximasse da criança. “Isso aconteceu coincidentemente quando minha filha mais velha, à época com 16 anos, resolveu morar comigo. Como forma de retaliação, minha ex-companheira passou a me privar do contato com a mais nova”, relata José.

A partir daí, tudo ficou mais difícil: o pai não conseguia falar com a filha por telefone, era impedido de visitá-la, e descobriu que até na escola a mãe expôs o suposto abuso e quis proibir o seu acesso à criança. Além disso, ela incentivava os filhos a deixarem de chamar o genitor de “pai” para usar esse tratamento com seu novo companheiro, o que criou uma confusão na cabeça da pequena. “Minha ex-mulher adotou um posicionamento hostil e buscava transmitir esse comportamento aos nossos filhos. A situação ficou insustentável e, em 2011, resolvi entrar na justiça com uma ação de alienação parental”, detalha.



Quando o processo já estava em tramitação, a mãe da menina mudou-se para o interior de Pernambuco e a levou consigo, sem qualquer aviso ao pai. A partir daí, o convívio parental ficou mais difícil, mas ele não desistiu e viajou para lá em busca de reencontrar a caçula. Desde então, o genitor tenta manter o vínculo com a criança e tenta visitá-la, mas enfrenta dificuldades por causa da distância, das barreiras impostas pela ex-esposa e por sofrer ameaças dos familiares dela. Atualmente, faz três anos que o processo de alienação parental – que deveria ter medida de urgência – tramita na justiça e ainda não foi finalizado. “O tempo da criança não conta como o do adulto. Para minha filha, com certeza faz uma eternidade que não a visito, pois nos vimos pela última vez em maio deste ano. Já tentei encontrá-la novamente porque tenho autorização judicial, mas me impedem de

sair com ela”, lamenta o pai.

Diante dessa situação, José espera que a justiça possa ver com maior clareza o que a lei da alienação parental diz explicitamente em seu texto. Afinal, a lei 12.318, em vigor desde 2010, elenca entre as formas de alienação o impedimento do exercício de autoridade parental e do contato da criança ou adolescente com o pai ou a mãe, além da apresentação de falsa denúncia e da mudança de domicílio para local distante, sem justificativa, para dificultar a convivência com a família do genitor. “Tenho uma formação ética que zela pelo bem-estar da criança, por isso vou lutar até a última instância para ter o direito de exercer a paternidade e comprovar que essa acusação de abuso é absurda e mentirosa”, declara o alienado.

*Nome fictício para não interferir no processo judicial, que corre em segredo de justiça



Afastamento prejudicial

A alienação parental pode ter diversos níveis, numa escala que chega até falsas acusações de abuso psicológico, físico e de maus tratos, sendo mais grave o abuso sexual. De acordo com a advogada Alexandra Ullmann, não existe uma estatística formal porque os processos desse tipo correm em segredo de justiça, mas estima-se que no Rio de Janeiro, por exemplo, sete em cada dez acusações de abuso não são verdadeiras. Mesmo injustiçados, os parentes “criminosos” são imediatamente afastados da criança sem que haja qualquer tipo de investigação anterior para conferir se o fato realmente ocorreu. Assim, muitos pais permanecem sete, oito, e até nove anos impedidos de conviver com os filhos em virtude de falsas denúncias, o que torna mais difícil a reconstrução dos laços familiares.

“Como o juiz tende a proteger a criança, na dúvida, ele vai acreditar na pessoa que denuncia o abuso. Porém, os advogados de todo o Brasil lutam para que o judiciário avalie com cautela as acusações unilaterais, principalmente no curso de um processo de divórcio, e entenda que o afastamento nem sempre é uma medida de proteção ao menor”, defende Alexandra. A advogada sugere que, em vez de afastar de imediato, o magistrado decida por visitas acompanhadas para proteger tanto a criança quanto o genitor.

A mesma opinião é compartilhada por Maurício Filho, advogado e presidente da Comissão de Direito de Família da Ordem dos Advogados do Brasil no Rio Grande do Norte (OAB-RN). Segundo o profissional, as falsas denúncias normalmente são posteriores à separação do casal, enquanto no período de união nunca houve problemas semelhantes. Esse é o primeiro sinal de que, provavelmente, o caso consiste em alienação parental. Quando há denúncias nesse sentido, o especialista explica que é preciso escutar todos os envolvidos, ouvir o acusado e analisá-lo psicologicamente para detectar se possui perfil de abusador.



O advogado Maurício Filho explica sobre as falsas denúncias

A suposta vítima também é avaliada pelos psicólogos e assistentes sociais e ainda é submetida a exames de corpo de delito com o intuito de identificar marcas físicas da violência praticada. “Tudo isso deve ser feito para comprovar se a denúncia é verdadeira ou falsa, pois o juiz não pode apenas ouvir o menor e decidir pelo afastamento alegando que criança não mente”, alerta o advogado.

Alexandra Ullmann elucida que o alienador é capaz de induzir o filho a falar uma versão irreal que, de tanto ser repetida, acaba se tornando verdadeira em sua mente, o que caracteriza a chamada “implantação de falsa memória”. Como o fato distorcido é narrado por uma pessoa muito próxima à criança, ela é convencida a repeti-lo em virtude do “conflito de lealdade”, pois não consegue acreditar que o seu parente esteja mentindo. Dessa forma, o menor cresce acreditando que a violência sexual realmente aconteceu e passa a repudiar o seu abusador. “É por esse motivo que pedimos ao judiciário para não afastar totalmente o genitor. Sugerimos, portanto, a convivência vigiada até que se avalie o caso todo de forma completa e complexa”, explica a psicóloga.

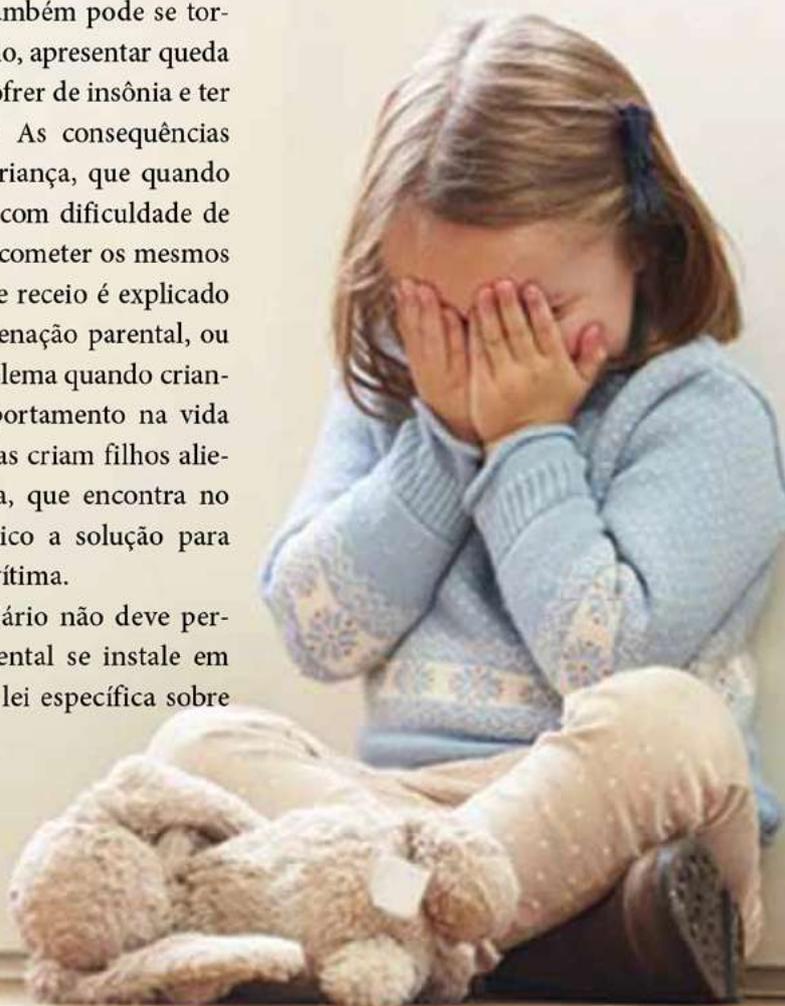
Danos irreversíveis

O alienador geralmente usa o filho como instrumento para se vingar do outro genitor. Ele não percebe, no entanto, que o mais afetado por essas ações não é o ex-marido ou a ex-mulher, e sim a criança, que sofre transtornos psicológicos em virtude dessa situação. Ainda não existem dados nacionais, mas estudos realizados em outros países revelam que as vítimas de alienação grave durante a infância têm maior tendência ao alcoolismo, ao uso de drogas e até ao suicídio em virtude da baixa estima adquirida.

O menor alienado também pode se tornar agressivo ou introvertido, apresentar queda no rendimento da escola, sofrer de insônia e ter crises psiquiátricas graves. As consequências variam de acordo com a criança, que quando cresce se torna um adulto com dificuldade de relacionamento e medo de cometer os mesmos erros do seu alienador. Esse receio é explicado pelo padrão familiar da alienação parental, ou seja, quem é vítima do problema quando criança tende a repetir o comportamento na vida adulta. “Famílias alienadoras criam filhos alienadores”, afirma Alexandra, que encontra no acompanhamento psicológico a solução para estabilizar o emocional da vítima.

Além disso, o judiciário não deve permitir que a alienação parental se instale em uma família. Para tanto, a lei específica sobre

o assunto impõe limites ao alienador por meio das punições previstas, entre elas a multa, advertência, ampliação da convivência com o genitor alienado e inversão da guarda. A psicóloga adverte que não pode haver demora na tomada de decisões dessa natureza, pois “o tempo é o maior amigo do alienador e inimigo da criança. Quanto mais se afasta um pai ou mãe de um filho, maior será a dificuldade de reaproximação e da reconstrução do vínculo de confiança”.



Papel do judiciário

Ao analisar um possível caso de alienação parental, o juiz depende do auxílio de um núcleo com psicólogos e assistentes sociais para identificar se existem ou não indícios do problema. Porém, no Rio Grande do Norte, a estrutura ainda é pequena para investigar com eficiência a média de dois mil processos que tramitam na justiça, pois a equipe multidisciplinar existe somente em Natal e recebe demandas dos municípios vizinhos, o que deixa tudo mais devagar. Em Parnamirim, por exemplo, a Vara de Família toma as primeiras providências para formar a equipe por meio de convênio, visto que o poder judiciário não dispõe dos profissionais necessários em seu quadro funcional.

Enquanto isso não acontece, os magistrados são impedidos de declarar a alienação parental porque precisam do parecer técnico. Hoje em dia, em alguns casos o próprio juiz identifica o problema, que também é denunciado pelo parente alienado, pelo advogado, por algum profissional da área ou pelo Ministério Público. “Quando percebemos ou recebemos essa informação, solicitamos laudos que são realizados por psicólogos e assistentes sociais não vinculados ao judiciário, mas isso não é tão fácil. Com a falta desses profissionais aqui, tentamos resolver as suspeitas de alienação parental por outros meios”, expõe Daniella Simonetti, juíza da 2ª Vara da Família de Parnamirim.

Com relação às denúncias de abuso sexual, a magistrada explica que, dependendo das provas iniciais, o afastamento do acusado deve ser a primeira atitude para retirar a criança da situação de risco enquanto os fatos são apurados. “Averiguamos rapidamente quem é o agente agressor e se o abuso realmente ocorreu para estabelecermos a convivência de acordo com cada caso”, detalha. Quando a violência parte de um parente, o judiciário opta pela visita do genitor em um ambiente onde essa pessoa não esteja presente, mas se o próprio pai for acusado e as provas não forem concretas, a visita acompanhada é a



Daniella Simonetti, juíza da 2ª Vara da Família de Parnamirim

decisão mais comum. “Qualquer dano que o menor vier a sofrer é irreversível, então nós precisamos agir imediatamente. É por isso que primeiramente suspendemos o convívio do suspeito para tomar as providências necessárias”, esclarece a juíza.

O advogado Maurício Filho enfatiza que é imprescindível ao judiciário ter o conhecimento e a estrutura necessária para declarar alienação parental, pois isso inibe o infrator de continuar agindo erroneamente. Assim, torna-se mais difícil o aparecimento de outras atitudes alienadoras que a ex-mulher de José da Silva, por exemplo, pratica até hoje para impedir seu convívio com a filha mais nova. “Eu fui obrigado a me acostumar com uma perda. Vivo uma espécie de luto, pois eu possuía uma relação de afeto com a minha filha e não consigo mais me aproximar dela porque a mãe cortou todos os canais possíveis de comunicação. Parece que a justiça, num entendimento cego de que a criança está protegida com a mãe, não vê todos os agravantes que a situação proporciona. Ninguém substitui a presença de um pai”, desabafa o alienado.



Povo consciente

A população também deve conhecer a alienação parental e saber que existe uma lei criada para proteger as vítimas desse mal. O assunto já ganhou maior divulgação nos últimos anos e, atualmente, é tema inserido em programas, novelas e jornais, o que leva cada vez mais alienados a entrar na justiça em busca de retomar o vínculo familiar. Em 2009, o cineasta Alan Minas aliou um de seus trabalhos à própria experiência pessoal e lançou o documentário “A Morte Inventada”, o qual contém relatos

de pessoas que sentiram na pele as consequências da alienação parental.

Com o material em mãos, Alan passou por diversas cidades para exibir os depoimentos como uma maneira de divulgar o problema desconhecido por tantos brasileiros e pressionar o governo a aprovar a lei que, posteriormente, foi promulgada em 2010. No site amorteinventada.com.br é possível encontrar mais informações sobre a alienação parental e visualizar o trailer do documentário.

Thiago Cavalcanti
Fotos: Giovanna Hackradt

VIOLETA E MOACYR MAIA: A DAMA E O DIPLOMATA

Um dos casais emblemáticos da sociedade natalense é fonte de histórias que se confundem com a da própria cidade

O DIPLOMARA. ERA ASSIM que os amigos chamavam o empresário Moacyr Maia. Amante da sétima arte e de grandes festas, morreu sem concretizar o sonho do famoso palacete da praia de Areia Preta.

Antes da chegada de shoppings centers em Natal, o bacana era o centro da cidade, onde se encontravam as melhores butiques e os cinemas, que eram os points de paquera e a passarela para ver e ser visto.

O engenheiro Moacyr Maia, que era cinéfilo assumido, convenceu o pai Otacílio Maia a construir o Cine Rio Grande – nome em homenagem ao Estado. Convencido, o pai se juntou aos empresários Rui Paiva, João Massena e Raul de Souza Ramalho, fundaram a firma Moreira, Souza & Cia. e contrataram a empresa J. A. Camarinha & Cia., do Recife (PE), para erguer o belo prédio de projeções que marcaram época. Situado na confluência da Avenida Deodoro da Fonseca com a Praça Pio X, que posteriormente se tornaria a Catedral Metropolitana de Natal, o cinema tinha os equipamentos mais modernos da época e acomodava 1600 pessoas (ainda que as salas tenham sido projetadas para duas mil). A noite de estreia, no dia 11 de fevereiro de 1949, às 21h, contou com a presença do então governador José Augusto Varela. Na tela, o filme “Minha Rosa Silvestre”.

Nesse tempo, o jovem Moacyr era um playboy inveterado, amava festas, viajar e mulheres bonitas. No carnaval de 1961, na “Veneza nordestina” (Recife), conheceu a linda moça dos olhos de esmeraldas, a jovem Violeta Botelho. Não sabia ele que àquela era a manequim preferida do costureiro Marcílio Campos. Foi amor à primeira vista. Namoraram e casaram-se em 1968.

Após o casamento, continuaram a morar no mesmo endereço de solteiro de Moacyr, na Av. Deodoro. A casa era repleta de bichos - cachorros, gatos, papagaios, araras e outros -, pois a família tinha um lado franciscano muito forte, já que cuidava dos animais que eram abandonados nas ruas.

A vida para Moacyr sempre foi uma festa e, ao lado da musa Violeta, ele prestigiou a todos, já que não



A paixão pelo cinema originou o Cine Rio Grande

perdia um evento. Além disso, o casal adorava receber. Uma legião de amigos e personalidades passaram por seus salões. Inclusive nas festas de fim de ano, organizadas pelo saudoso colunista Jota Epifânio. Ocasões em que Moacyr Maia abria a pista de dança.

Fidelidade aos amigos sempre. O deputado estadual Agnelo Alves tem uma dívida de gratidão muito forte com o amigo. Nos tempo de chumbo, perseguido durante o mandato de prefeito, foi preso e passou 49 dias atrás das grades. O empresário chegou à casa de José Gobat, irmão de Agnelo, entregou dez mil cruzeiros e disse: “Contrate o melhor advogado e, precisando de mais, é só me telefonar”. O deputado jamais esqueceu a atitude nobre do amigo.

Os empregados da família continuam fiéis à viúva Violeta. O motorista João Lopes, que tem 43 anos de serviço à família, declara: “Seu Moacyr foi um pai para mim, era incapaz de destratar um funcionário”. O casal nunca teve filhos, mas muitos tinham os dois como padrinhos. Eles ajudavam a todos, amigos e desconhecidos. Os conselhos do engenheiro eram valiosíssimos.

A chegada dos shoppings à capital potiguar levou à decadência dos cinemas, que fecharam as portas e deram lugar a templos evangélicos. “O glamour acabou”, resumiu Moacyr quando decretou falência das suas empresas.



Voltada para o mar, a mansão de Areia Preta foi um sonho não concretizado

O que seria um palacete

Quem passa pela praia de Areia Preta, de longe vê um enorme casarão abandonado quase à beira mar. O famoso palacete era um sonho que Moacyr Maia não conseguiu concretizar. O empresário comprou o terreno, foi ao Rio de Janeiro legalizar a papelada com a União e colocou em prática o seu sonho.

Na década de 70, ele começou sua obra, levantou paredes, tudo que tinha de melhor foi empregado na mansão projetada com oito suítes voltadas para o mar, um enorme salão para dar bailes e festas, que ele adorava. Projeto dos arquitetos Moacir Gomes e Ubirajara Galvão, tudo pensando e detalhado. A parte de marcenaria já começava a ser executada, faltava pouco, mas eis que as reviravoltas da vida pregaram um susto no engenheiro. Iniciou-se o declínio da construtora Cicol. Os escritórios na África do Sul não davam mais retorno à empresa. A construtora quebrou e Moacyr teve que interromper seu sonho, mas nunca lamuriou-se. Colocou como objetivo viajar e conhecer o mundo ao lado da sua musa Violeta. Faltaram poucos países para fechar o globo. O empresário faleceu em 24 de agosto de 2005, aos 79 anos. A cidade perdeu um dos homens mais elegantes e de vasta cultura, uma raridade nos dias de hoje.



Santo Antônio

Desde pequena a beleza abriu as portas para Violeta Botelho, a caçula de cinco filhos. Uma mulher de porte impecável que transitou pelo jet-set Brasil afora. Logo cedo começou a trabalhar. Passou pela aviação Cruzeiro do Sul, TV Jornal do Comércio e se destacou como a modelo preferida do costureiro Marcilio Campos, conhecido como as agulhas de ouro de Pernambuco. O estilista via em Violeta a personificação da mulher chique e elegante. Ele colocava em prática suas criações para ela dar vida. Nos carnavais da Cidade Maravilhosa, Violeta conquistava sempre o primeiro lugar nos concursos dos hotéis Glória e Copacabana Palace. Cortejada por poderosos como Jorginho Guinle, Horácio Carvalho (primeiro marido de Lili Marinho), a jovem, discreta e decente, não dava trela. Criada em seio de família tradicional pernambucana, os pais católicos fervorosos passaram os princípios e valores que até hoje segue.

A devoção por Santo Antônio vem desde a adolescência. Alcançou várias graças com a fé no seu santo de devoção. Desde que veio morar em Natal, começou a frequentar as missas no Convento Santo Antônio, conhecido também por Igreja do Galo. Sentiu a necessidade de se engajar mais nas atividades da paróquia. Convidada a fazer parte da Pia União de Santo Antônio (grupo de senhoras que ajudam comunidades carentes), todas as sextas-feiras e domingos vai à igreja para ajudar aos mais necessitados. Já se vão 25 anos, de medalha do patronato e filantropia.

Com firmeza, pode-se dizer: uma mulher de fé e coragem, que viveu o glamour na sua essência, com uma beleza ímpar que perdura até hoje no auge dos seus 78 anos. Ao lado de Moacyr Maia, viveu a vida intensamente: viajou, bailou nos salões, cuidou de animais desamparados, solidarizou-se com os humildes.

Para Violeta, a fé em Jesus e muita esperança são as palavras de ordem para enfrentar os problemas e adversidades dos oito anos da viuvez que separou os olhos esmeraldas do Diplomata.



A Violeta Maia devota de Santo Antônio: uma mulher de fé e coragem





MODA E ESCÂNDALO

Em uma época ainda conservadora, loja em Natal lançava comerciais ousados que ganhavam repercussão nas ruas e na mídia, nacional e internacional. Um deles é considerado até hoje o case de maior sucesso da publicidade potiguar

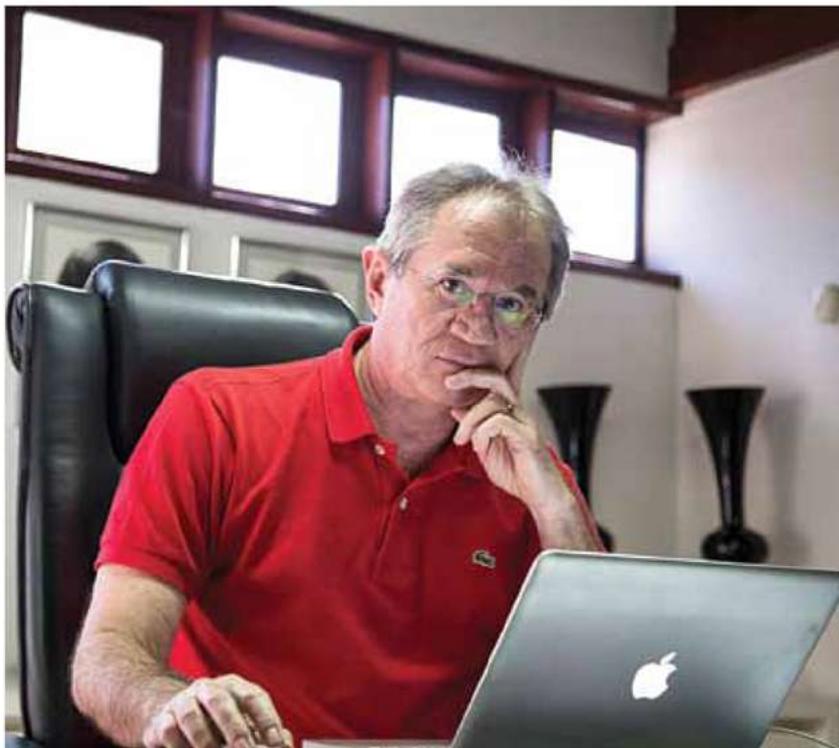
Por Marina Gadelha



SE HOJE A SEXUALIDADE é tema comum, há 20 anos ainda era rodeada de tabus e exigia cautela de quem ousasse tocar no assunto. Em meio a esse cenário conservador, o empresário potiguar George Ramalho apostou na ideia de três publicitários locais e deu vida à personagem Ofélia, nome carinhosamente atribuído ao órgão genital feminino, que em um vídeo de 30 segundos conversava com sua “dona”. O resultado não poderia ser outro: causou polêmica, e das grandes. A repercussão foi tanta que o comercial é considerado até hoje o case de maior sucesso da publicidade no Rio Grande do Norte.

A criação para a loja de moda feminina Bain Douche saiu das mentes de Ricardo Rosado, Alex Medeiros e Roberto Solino, trio da agência Faz Propaganda que enxergou a oportunidade de aproveitar a polêmica em torno da então propaganda veiculada pelo Ministério da Saúde para a prevenção à Aids. Nela, o pênis recebe o apelido de “Bráulio” e dialoga com o homem, que alerta seu desorientado órgão a usar camisinha. “Se os Bráulios ganharam voz, por que as mulheres não poderiam ter a mesma chance? Assim, pensamos em criar a Ofélia para mostrar que elas também podem falar de sexo e devem se prevenir tanto quanto os homens”, explica Ricardo Rosado.

A ideia maluca foi prontamente aceita pelo cliente George



Ao lado de Alex Medeiros e Roberto Solino, publicitário Ricardo Rosado criou o maior case de sucesso da publicidade do RN

Ramalho, entusiasta dos comerciais inovadores e bem humorados. Com roteiro e investimento em mãos, os publicitários produziram o vídeo estrelado pela atriz pernambucana Giselle Tigre, que contracenou ao lado da sua Ofélia e invadiu as telinhas de Natal e Recife, capital de Pernambuco. No entanto, os idealizadores jamais pensaram que o maior obstáculo seria a Rede Globo em Recife, que proibiu a veiculação do comercial e só liberou depois de George Ramalho pedir intervenção da emissora no Rio de Janeiro.

Quando entrou no ar em outubro de 1995, a repercussão na mídia foi imediata, primei-

ramente em âmbito local e, logo depois, a Ofélia virou assunto em rede nacional. SBT, revista Istoé, Folha de São Paulo, Rede Globo, Correio Braziliense e muitos outros veículos exibiram matérias sobre o polêmico comercial. Até Jô Soares discutiu em seu programa outros possíveis nomes para a genitália feminina. A campanha publicitária ainda foi destaque internacional e ganhou as páginas de jornais da Argentina, do Chile e do México. De acordo com Rosado, a criatividade foi a chave do sucesso. “A produção foi bem barata e gerou repercussão sem igual. Nada substitui a força da boa ideia”, aponta.

PUBLICIDADE

A vez da Ofélia

Depois dos Bráulios, agora é a vez das Ofélias reclamarem. Pegando carona na campanha criada e depois vetada do Ministério da Saúde para prevenção da Aids, a griffe de roupas femininas Bain Douche, do Nordeste, colocou no ar um comercial em que a atriz Gisele Tigre conversa com sua Ofélia – nome pelo qual a propaganda chama o órgão genital feminino. O filme publicitário está sendo exibido nas redes de televisão de Natal, no Rio Grande do Norte. O diálogo: “Ei, psiu, nós vamos arrasar nessas roupas da Bain Douche”, diz Ofélia. “É, mas tem que ser com um Bráulio bem vestido”, responde Gisele mostrando uma camisinha. Apesar de ser local, a campanha provocou a reação das Ofélias de todo o País: em São Paulo, Ofélia Anunciato, apresentadora do programa *A cozinha maravilhosa da Ofélia*, ameaçou processar a agência, mesma atitude da mãe de uma



REPRODUÇÃO CARMINO GANOSA

Gisele no comercial: descontração

adolescente de Goiânia. “Acho o comercial vulgar”, diz a professora Ofélia Brito, 31 anos, de Natal. Na quinta-feira 26, Gisele falou a ISTOÉ: **ISTOÉ** – *Você troca confidências com sua Ofélia?* Gisele – *Nunca tinha feito isso, mas vou aderir.* **ISTOÉ** – *Você se encontraria com o Bráulio?* Gisele – *Aquele Bráulio não me inspira confiança. É vulgar, grosseiro. A Ofélia vai à caça, mas é mais sutil, tem charme.*

No vídeo, “Ofélia” conversa com sua dona

Não tem Bráulio que resista

O comercial da Bain Douche é semelhante ao produzido pelo Ministério da Saúde, no qual o “Bráulio” conversa com o homem. Por sua vez, a campanha dá voz à “Ofélia”, em um diálogo com a mulher:

Ofélia: - Ei, psiu, nós vamos arrasar nessas roupas da Bain Douche!

Giselle: - Quem está falando?

Ofélia: - É a Ofélia! Hoje a gente acaba com a tristeza do nosso gato.

Giselle: - Calma, né, Ofélia? Tem que pintar um clima, sua assanhadinha!

Ofélia: - Imagina... estamos lindas com essa roupa da Bain Douche. Não tem Bráulio que resista!

Giselle: - Tudo bem. Agora tem que ser um Bráulio bem vestido, viu, Ofélia? (mostra uma camisinha)

Ofélia: Amiga, eu só abro quando tenho certeza...





Uma loja da porra

Antes do furacão Ofélia, a Bain Douche já era conhecida pelos comerciais ousados. Para uns, eram o máximo, e para outros um absurdo. O primeiro deles foi o slogan “Uma loja da porra”, estampado ainda na década de 80 pelos outdoors de Natal e Recife. George Ramalho lembra que o impacto maior foi na capital pernambucana, onde a sociedade mais conservadora criticou severamente o uso de um “palavrão” numa peça publicitária. “Alguns elogiavam, outros criticavam fortemente. De todo modo, a repercussão foi positiva, pois a loja ficou conhecida em Recife, onde acabávamos de abrir as portas e a estratégia se reverteu em vendas”, avalia o empresário.

Essa campanha também ganhou espaço na imprensa e apareceu na primeira página dos principais jornais de Pernambuco, além de ter conquistado meia página do jornal carioca O Globo. Mais tarde, no iní-

cio dos anos 1990, o lançamento de uma calça jeans deu o que falar após serem instalados outdoors com a foto de uma mulher fechando o zíper e a frase “Uma roupa para você gozar dentro”. Coincidentemente, no mesmo momento acontecia no Recife um congresso de regulamentação de propaganda de rua, ocasião em que o primeiro palestrante usou o comercial da Bain Douche como exemplo.

A abordagem gerou polêmica e todos os jornais falaram sobre o assunto durante dias, até que a secretária de meio ambiente da cidade pediu a George para retirar o comercial dos outdoors. Ela não tinha poder para isso, mas confessou ao empresário que se sentia incomodada com a campanha, ainda mais depois de sua filha adolescente achar que a mulher em destaque estava com a mão dentro da calça – o que despertava mil e uma interpretações. Para evitar desconfortos,

George acatou a solicitação e dois dias depois substituiu o outdoor por outro com a mesma imagem, mas sem a frase. Contudo, o efeito era o mesmo em todas as pessoas, que já associavam a foto às palavras antes impressas. Tal atitude rendeu mais espaço na imprensa e prolongou a polêmica por mais uma semana.

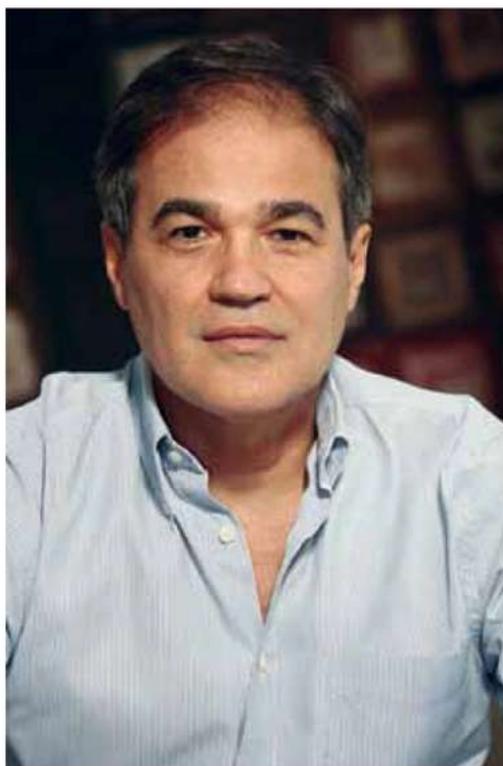
“Havia clientes que externavam o descontentamento com o comercial, mas não deixavam de comprar por isso”, lembra George, que ainda coleciona histórias de outras campanhas na época desenvolvidas pelo publicitário Alexandre Macedo, da antiga agência Brisa. Ele admite que se arrependeu de uma delas, criada durante as eleições presidenciais de 1989, que manifestava apoio ao candidato Fernando Collor na frase “Bain Douche, collorindo você”. A Bain Douche já teve até coluna social na Tribuna do Norte, na qual todos os domingos eram publicadas fotos e notas sobre as clientes da loja.

Outro personagem de sucesso foi “o louco da Bain Douche”, que durante um ano e meio divertia os ouvintes das rádios de Natal e Recife. Nos comerciais, ele ligava para as mulheres que vestiam Bain Douche e elogiava a beleza delas naquelas roupas. No entanto, um dia apareceu um louco de verdade que começou a ligar para as vendedoras da loja em Recife e as ameaçava de morte. “Ele incorporou o personagem de forma agressiva, por isso nos vimos obrigados a retirar o comercial do ar”, diz George, que com ajuda da polícia descobriu quem era o homem, um esquizofrênico em tratamento.

Novas estratégias

George Ramalho avalia que, se criadas hoje em dia, as polêmicas campanhas das décadas passadas não teriam o mesmo efeito. Afinal, a sociedade mudou, assim como os meios de comunicação. “Vivemos repensando a maneira de nos posicionarmos no mercado para acompanhar o mundo ao nosso redor. Chega a hora em que fazer o mesmo fica chato, a publicidade de hoje não é como a de antes. Por isso, devemos trazer coisas novas”, pondera. O empresário ainda gosta de ousar, por isso a ideia de continuar causando não sai de sua cabeça.

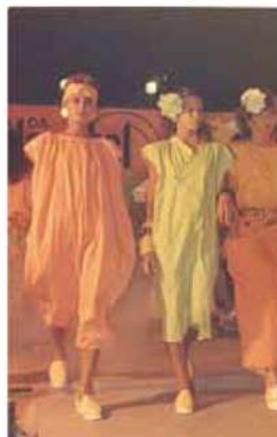
A última campanha que gerou polêmica foi em 2013, ao ser lançada a frase “Dama na sociedade, feroz na cama”. A população do Recife ficou horrorizada com o comercial e uma denúncia chegou ao Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar). O órgão acatou a reclamação e ordenou que a Bain Douche retirasse todos os outdoors das ruas, alegando que a frase era chocante. “O denunciante distorceu as palavras e disse que a Bain Douche usava uma palavra de baixo calão, o que não era verdade. A interpretação está na cabeça de cada um”, defende George, que reconhece a importância da publicidade para a consolidação da marca. “Se você perguntar a uma pessoa entre 30 e 40 anos sobre a Bain Douche, ela vai dizer que conhece e ainda irá complementar: uma loja da porra”.



“

Se você perguntar a uma pessoa entre 30 e 40 anos sobre a Bain Douche, ela vai dizer que conhece e ainda irá complementar: uma loja da porra”

George Ramalho,
empresário da
Bain Douche





Gilson Bezerra

www.penaestradatrilhas.com

OFF-ROAD

De Touros a Galinhos fora da estrada





FAZER UM
OFF-ROAD PARA
APRECIAR O
ENCONTRO DO
SERTÃO COM O
MAR PODE SER
O PONTO DE
PARTIDA PARA
UMA GRANDE
AVENTURA

Por Gilson Bezerra
Fotos: Delson Cursino

O Rio Grande do Norte tem 401 km de litoral e, nessa imensa faixa de oceano atlântico, paisagens surpreendentes se revelam aos nossos olhos. É saindo de Touros, cidade histórica encravada no polo da Costa das Dunas, a 100km de Natal, que partiremos até a península de Galinhos, mais uns 80km adiante. Galinhos já foi matéria nossa e é um dos destinos mais atraentes do estado.

Nossa viagem se inicia em frente à igreja de Bom Jesus dos Navegantes, construída entre os anos de 1798 a 1800, às margens do Rio Maceió, na esquina do Brasil, onde o continente americano faz a curva. O transporte de buggy fica a cargo de Judson, experiente bugueiro que mapeou a rota e a realiza sempre que aparece alguém disposto a atravessar muitos quilômetros de beira de praia deserta. É ele quem sempre leva os grupos da Pé na Estrada Trilhas para essa aventura.

Touros tem história e começou a ser visitada séculos antes. Em 1501, uma expedição exploratória a serviço da coroa portuguesa, comandada por Gaspar de Lemos, chegou ao nosso litoral, especificamente num local conhecido hoje como a Praia dos Marcos e chantou um marco esculpido em pedra portuguesa com os símbolos da Cruz de Malta e da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, declarando o território português.



Ao sair de Touros e seguir pela praia, chegaremos ao Farol da Ponta do Calcanhar, ponto final da BR 101. A pacata Praia de Cajueiro, a paradisíaca Lagoa do Sal e o badalado balneário de São Miguel do Gostoso são as próximas a serem desvendadas. Em Gostoso, vale parar e tomar um café numa das padarias do lugar, algumas bastante charmosas, lojinhas e restaurantes ocupam a rua principal. O lugar é procurado por praticantes de kite surf e outras modalidades de esportes de praia. Devido aos excelentes ventos, cresceu e se tornou point de vips e descolados com pousadas sofisticadas e uma cena gastronômica invejável, além de ter conquistado o posto de terceiro polo turístico mais procurado do RN, ficando atrás apenas de Pipa e Natal.



Saindo da zona urbana do Gostoso, é hora de conhecer a Praia do Tourinho, a mais bonita de todas as outras do município, considerada por publicação inglesa uma das mais bonitas do mundo. Tourinho tem um pôr do sol incrível e é área de desova de tartarugas marinhas. Perfeito paraíso ecológico, sem casas e nem construções, o local dispõe de barracas rústicas vendendo cerveja e peixe fresco assado na brasa.

Próximas paradas em Enxu Queimado e Praia dos Marcos, local de chegada da expedição de 1501. O mar apresenta vários tons de azul, piscinas naturais e coqueiros à beira-mar enfeitam a paisagem para lá de tranquila e que lembra muito alguma praia do Caribe pelo azul intenso da água.

Após atravessar mais alguns quilômetros de dunas gigantes e trechos de praias desertas, chegamos à simpática Caiçara do Norte, uma pequena cidade que vem sendo engolida pelos avanços da maré, que já tomou de volta duas ruas da cidade e ameaça a terceira. Pouco visitada por turistas, Caiçara do Norte tem belezas a serem descobertas, como o pôr do sol dentro do mar; um pequeno farol, restaurantes à beira-mar e uma duna gigante onde as pessoas costumam sentar no final da tarde para admirar o espetáculo da natureza.

Partindo de Caiçara, nenhum sinal de civilização rumo a Galinhos, exceto um rancho de palha de pescador, torres de energia eólica, jangadas isoladas, uma tartaruga marinha morta no caminho, vítima talvez do plástico presente nos oce-





anos em grandes quantidades, e vento, muito vento.

É quando chegamos no distrito de Galos que recomeçamos a ver pessoas. Na famosa Praia dos Capins, buggys oferecem passeios, canoas dentro da maré vendem ostras e cerveja, turistas circulam nas dunas ou tomam banho na praia do rio, tudo lindo de se ver; branco das dunas e dos morros de sal, azul do céu e do mar, o verde intenso dos manguezais e aves marinhas mariscando seu alimento de cada dia enchem nossos olhos.

A hospedagem na Pousada Peixe Galo e as fartas refeições no restaurante de Dona Irene marcam a passagem por Galos, de lá para

Galinhas é um pulo, 4 km pela beira da praia, antes de chegar uma parada na Duna do André e a sua magnífica vista. Galinhos é só calmaria, o caminho até a praia do Farol pontuado por gaivotas e o espetáculo final do pôr do sol na Praia do Farol faz você ter certeza do quanto valeu a pena tantos quilômetros percorridos.

E lá se vai o sol afundando nas águas mornas lá para as bandas da Ilha do Presídio... recantos do RN que tem a nossa marca, retratos de uma paisagem única, bem nossa mesmo, afinal de contas, em qual outro lugar podemos contemplar o amoroso encontro do sertão com o mar?





Rafael, Júlio, a aniversariante Lira Maria e Juliana Lopes

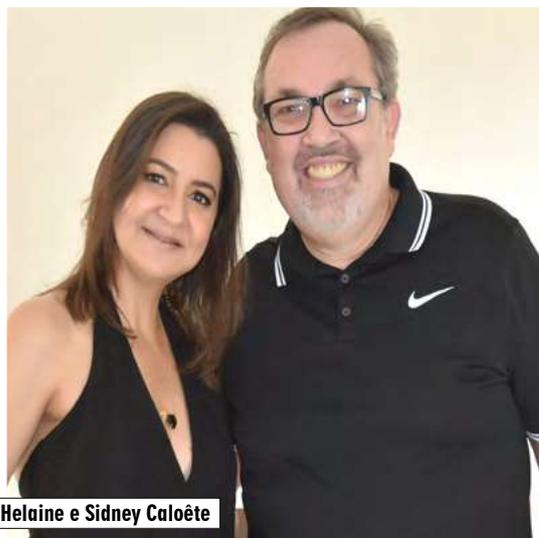
TILINTARES E SABORES

Fotos Paulo Lima/Brasília

A procuradora Lira Maria Lopes abriu as portas da sua bela casa no Lago Sul da capital brasileira para celebrar grito de felicidade. Amigos e familiares se reuniram na ocasião “parabéns pra você” com direito a caprichado almoço assinado pelo Sweet Cake e elogiada decoração da arquiteta Helaine Caloête.



Desembargador João Luís Sampaio, Marli Dornelas, Valter Casimiro - secretário de Transporte e Mobilidade do DF - e Cristhiane



Helaine e Sidney Caloête



Márcio e Marina Camargo



Gilberto e Eliana Ferreira



Luiz Felipe Carvalho e Vanessa Andrade



**Mário e Marina Camargo e
Fernanda Andrade**

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

OKTOBERFEST

Fotos: Arquivo fotógrafo João Neto

Tudo começou de forma despreocupada. Lourdinha Alencar era proprietária do Berlin Bar, no coração do bairro do Tirol, em Natal, e, em 1998, decidiu comemorar o aniversário de um ano do estabelecimento com uma festa para 50 pessoas. Virou notícia, muitos queriam participar, mas sem espaço, acessos impossibilitados. Em outubro do mesmo ano, ela então lança a festa Oktoberfest. Para acomodar a todos, aconteceu na rua - Rua Jundiá -, com bufê tipicamente alemão, cerveja gelada e o DJ Bruno Giovanni no comando das picapes, soltando hits dos 70, 80 e 90. Posto depois assumido pelo DJ Luís Couto. Anos mais tarde, o evento passou a ser itinerante, em lugares fechados, com atrações também nacionais, sucessos da ocasião, como Capim Cubano, Biltz e Emerson Nogueira. Agora, o Oktoberfest é mais restrito. E edição deste ano será no dia 18 de outubro, no Clube de Engenharia.

PUBLICADA EM OUTUBRO DE 2014



Wober Jr., Múcio Sá e Aldaniza



Dani e Roberto Chaves,
Thiago Cavalcanti e Dalila Cabral



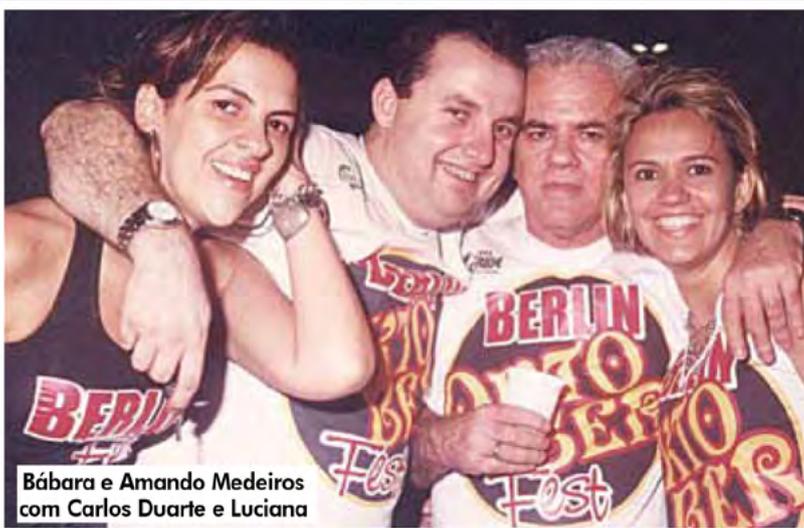
Valéria Xavier, Paulo Ubarana, Marília Sá



Mário Barreto, Rodolfo
Almeida e Eliana Lima



Rafael Correia e
Elísio Araújo
[REVISTA Bzzz]



Bábara e Amando Medeiros
com Carlos Duarte e Luciana



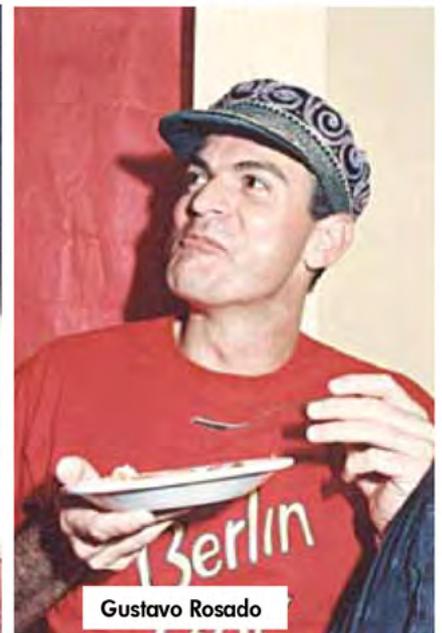
Habib Chalita e
Dickson Medeiros



Lourdinha Alencar e
o DJ Luiz Couto



Adriana e Adriano Sá



Gustavo Rosado



Chyristian de Saboya e Keity
SETEMBRO/OUTUBRO 2021



Enilson Medeiros e
Simone Silva



Tereza e Eduardo Patriota

TÚNEL DO TEMPO

Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivo pessoal

Dançar na rua também valia. Os jovens da elite natalense incendiaram as ruas da cidade com seus blocos. As décadas de 70/80 foram antológicas para o carnaval de Natal. Os blocos Bakulejo, Jardim de Infância, Chefões, Ressaka, Puxa-saco e Saca Rolha reunia a turma dos bacanas. Em 1978, chegava a irreverente banda Gália, que aliava festa com crítica social. Os famosos assaltos aconteciam nas casas dos integrantes dos blocos e depois os pontos certos eram os clubes do ABC e América. Bons tempos!

PUBLICADA EM MARÇO DE 2014



Andréa e Renata Motta, Jota Oliveira, Vicente Freire e Iven Bezerra



Leonardo Flôr e Kátia Torquato



Luís Couto



Otávio Gacia, Danila Varela Barca e Marcelo Abdon



Lorena Galvão e Paulinho Freire



Toreba, Thaíza Barros e Leka Galvão



Petit
Bougainville
Condominio Hotel



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notarial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio*

84 3693.2027

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br



LUIZ THADEU NUNES E SILVA
 Eng. Agrônomo, Palestrante, cronista e viajante: o sul-americano mais viajado do mundo com mobilidade reduzida, visitou 143 países em todos os continentes

SE NÃO TEM, NÃO GASTE

Anova religião do mundo moderno é o consumismo; toda hora somos bombardeados pelas mídias para comprar, comprar e comprar. Em tempos em que Papai Noel é mais importante que Jesus Cristo, o filho de Deus, e se tornou o símbolo do Natal, tudo é comércio, são tempos mercantilistas.

Os comerciais de TVs e internet estão aí a nos incentivar a comprar o que às vezes não precisamos, fazendo girar a roda do endividamento desnecessário. Assim funciona a indústria e o comércio desde que o mundo é mundo.

Está aberta a temporada de compras, estamos na black friday, mais um modismo importado dos americanos, a nação mais consumista do planeta é mau exemplo para o mundo.

Tradicionalmente, nos Estados Unidos, a Black Friday acontece na sexta depois do Thanksgiving -o dia de Ação de Graças. A quinta celebra a gratidão dos estadunidenses por tudo de bom que aconteceu durante o ano.

Na terra do tio Sam, a expressão “Black Friday” foi usada pela primeira vez em 24 de setembro de 1869. Originalmente, o termo, que em português significa “sexta-feira negra”, se referia a um evento diferente. Na ocasião, dois especuladores tentaram tomar o mercado do ouro na Bolsa de Nova Iorque. Isso fez com que o governo precisasse intervir, elevando a oferta de matéria-prima e, conseqüentemente, fazendo com que os preços caíssem.

Hoje, a Black Friday é uma das principais datas para venda online e offline, mas só ganhou esse status em meados dos anos 2000. Nos EUA, desde então, todos os anos, imensas filas se formam para garimpar descontos, muitas vezes, ainda, na noite da quinta - já que muitas lojas abrem meia-noite.

A tradição norte-americana desembarcou no Brasil em 2010. Para se ter uma ideia da dimensão, no evento do último ano, o varejo online brasileiro faturou R\$ 3,2 bilhões, segundo levantamento da consultoria Ebit/Nielsen. O número é 23,6% maior ao registrado na Black Friday de 2020, quando as vendas totalizaram R\$ 2,6 bilhões.

Por aqui a black friday ganhou força coisa de uma década. No início, alguns comerciantes espertalhões dobravam os preços dos produtos antes, depois davam falsos descontos, na tentativa de ludibriar os consumidores. Com o tem-

po, essa prática mudou. O problema é que grande parte da população brasileira está endividada. Segundo dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o número de brasileiros endividados bateu recorde histórico no levantamento feito pela entidade desde 2010. No mês de julho, eram 71,4% do total dos consumidores que carregavam alguma dívida, segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic).

Segundo a entidade, os números elevados são reflexo direto de uma junção de fatores ruins da economia. A equação inclui o momento de inflação elevada, a redução dos estímulos sociais criados durante a pandemia do coronavírus e os níveis ainda altos de desemprego. São itens que diminuem o poder de compra e deterioram os orçamentos domésticos.

Mas como brasileiro não pode ver a palavra “promoção”, que logo se anima a comprar, comprometendo não somente o sobrecarregado orçamento doméstico, mas também o futuro, pois são dívidas parceladas para o ano que ainda nem começou. Muitos vão passar o ano de 2022, que bate às portas, pagando dívidas, que bem pensado, não deveriam fazer. Diria que é cultural nosso nível de endividamento. Ainda são tímidas as iniciativas de ensinar economia doméstica nas escolas, que deveria ser matéria obrigatória em todas as séries. Saber lidar com dinheiro é obrigação, pois ele faz parte de todas as fases de nossa vida.

Já repararam como todos ficam ricos nas época das festas de final de ano? É confraternização, presentes para amigo invisível, ceia de Natal, roupas novas, reforma da casa, gastasse como se não houvesse amanhã. Gente, o que vai acabar é o ano, e não o mundo.

Antigamente se dizia: não saio de casa para não gastar. Hoje, não precisa sair de casa, se gasta ainda mais, em um simples toque na tela do smartphone, tablet ou computador. O mundo do consumismo veio para dentro de casa, mais expostos ao endividamento estamos.

O melhor desconto da black friday é aquele em que você não compra o que não precisa comprar e economiza 100%.

Ouvi diversas vezes de minha saudosa mãe Maria da Conceição: “Caso não tenha, não gaste meu filho; festa passa, dívida fica”.

Conselho e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. Fica a dica.



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, a beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chalés, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br

experimente
É GRÁTIS

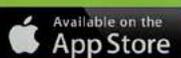
Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais



www.boraler.com.br